

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

JORGE ALBERTO MACCHI

TAMBORES DE AGORA

Porto Alegre

2018

JORGE ALBERTO MACCHI

TAMBORES DE AGORA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Sociais.

Orientador: Professor Dr. Emerson Giumbelli

Porto Alegre

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Macchi, Jorge Alberto
TAMBORES DE AGORA / Jorge Alberto Macchi. -- 2018.
62 f.
Orientador: Emerson Giumbelli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Religiões Afro-gaúchas. 2. Tambores e
Tamboreiros. 3. Batuque, Umbanda e Quimbanda. 4. Curso
de Tamboreiros. 5. FAUERS . I. Giumbelli, Emerson,
orient. II. Título.

TAMBORES DE AGORA

TAMBORES DE AGORA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Emerson Giumbelli

Porto Alegre, 01 de dezembro de 2018

Ari Pedro Oro - UFRGS

Leonardo Almeida - doutorando UFRGS

Emerson Giumbelli - UFRGS (orientador)

RESUMO

Os atabaques, instrumentos de percussão e seus atacadores, por sua fundamental importância para as afro-religiões, onde assumem a função de um catalisador (substância que reduz a energia de ativação de uma reação química e aumenta a sua velocidade de reação, sem, contudo, participar dela), coordenam, unificam e facilitam as reações psicológicas que, nos possuidores de dons mediúnicos, levam ao transe. Os trabalhos que nos antecederam, cada um à sua maneira enfocaram este instrumento e seus tocadores, através de variáveis como: música, sons, mídia, marketing, etc. De nossa parte procuramos nos ater às relações com o Axé (Energia Vital) e sua permutação, à agência na transmissão e dispersão, nas sessões, festas e giras, quando do uso (ou não) do tambor, relativizando com a qualidade e profundidade da “formação” de quem o toca, e ainda com o trânsito deste entre casas e linhas de diferentes trocas energéticas. Buscamos nas entrevistas e saídas de campo, entender algumas das transformações que ocorrem nesse universo, os entendimentos que as acompanham e as reações que elas geram.

Palavras-chave: Tambor. Fundamentos. Afro-religiões. Rituais.

RESUMEN

Los atabaques, instrumentos de percusión y sus atacadores, por la fundamental importancia para las afro-religiones, donde asumen la función de un catalizador (sustancia que reduce la energía de activación de una reacción química y aumenta su velocidad de reacción, sin, sin embargo, participar de ella) coordinan, unifican y facilitan las reacciones psicológicas que, en los poseedores de dones mediúmnicos, llevan al trance. Los trabajos que nos precedieron, cada uno a su manera enfocaron este instrumento y sus tocadores, a través de variables como: música, sonidos, medios de comunicación, marketing, etc. Por nuestra parte buscamos atenerse a las relaciones con el Axé (Energía Vital) y su permutación, a la agencia en la transmisión y dispersión, en las sesiones, fiestas y giras, cuando el uso (o no) del tambor, relativizando con la calidad y profundidad de la "Formación" de quien lo toca, y aún con el tránsito de éste entre casas y líneas de diferentes intercambios energéticos. Buscamos en las entrevistas y salidas de campo, entender algunas de las transformaciones que ocurren en ese universo, los entendimientos que las acompañan y las reacciones que ellas generan.

Palabras-clave: Tambor. Fundaciones. Afro-religiones. Rituales.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OUVI O RUFAR DOS TAMBORES	11
1.2 OBJETIVOS	13
1.3 METODOLOGIA.....	13
1.4 JUSTIFICATIVA	14
2 TAMBORES DE AGORA.....	17
2.1 TOQUES E CANTOS	17
2.1.1 A Transmissão oral.....	18
2.1.2 Fundamentos.....	20
2.1.3 Avante filhos de fé.....	22
3 A FEDERAÇÃO	24
3.1 CLAREIA O SOL, CLAREIA A LUA	25
3.2 EU VOU DE UNIFORME BRANCO	26
3.3 VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE TAMBOR.....	28
4 A FALA DOS ENTREVISTADOS	30
4.1 Taata Luangomina	30
4.2 Leciano Santos.....	32
4.3 Bel Agê.....	34
4.4 Amanda Abreu.....	35
4.5 Everton Alfonsin	39
4.6 Professor Jorge Grinã	41
5 PERSPECTIVA.....	47
5.1 A FUMAÇA DO CACHIMBO DO VOVÔ	47
5.2 EXUMARÉ, MARÉ, MARÉ	49
5.3 ENQUANTO A CHIBATA BATIA... MÃE PRETA EMBALAVA.....	50
5.4 RODEIA, RODEIA, RODEIA MEU SANTO ANTÔNIO RODEIA	51
5.5 TODO EXU QUE RI ELE RI MAS FALA SÉRIO.....	52
5.6 NAS ONDAS GRANDES DO MAR EU VOU.....	52
6 CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS	57
ANEXO A – FOTOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Em nosso trabalho procuramos analisar algumas atividades eminentemente relacionadas aos rituais religiosos, que são muitas vezes partes insuprimíveis destes, mas exercidas por sujeitos alheios aos processos de incorporação espiritual, que de maneira periférica interagem com os médiuns incorporados e com as entidades que vêm à terra. Alguns por vocação para isto e outros com intenções comerciais num ramo de prestação de serviços cada vez mais utilizado nos tempos atuais, mormente a escassez de voluntários que as façam sem custos, por doação espontânea.

Dentre estas atividades, umas assumem importância vital como a figura do Cambono, pessoa que assiste aos membros da corrente, incorporados ou não, dá apoio às entidades na sua chegada, estada e partida do terreiro em suas necessidades materiais, axés de bebidas, fumo, alcançando objetos ritualísticos delas e doutrinando, observando, corrigindo mesmo (adaptando conforme a doutrina determinada pela entidade chefe da casa) suas performances comportamentais. Ele ainda faz a ligação com a assistência e a preparação, bem como o levantamento dos trabalhos. Estas múltiplas funções e tantas outras que poderia aqui elencar, são da competência de uma(s) pessoa(s) que se prepara(m) através da absorção de conhecimentos e habilidades específicas dos terreiros, de seus médiuns e das entidades que ali se manifestam regularmente ou as que ocasionalmente surpreendem com sua chegada. Certamente este trabalho estaria incompleto sem pelo menos este parágrafo dedicado a Ele, o Cambono¹.

Centralizamos nosso trabalho, na parte sonora dos rituais afro-religiosos, produzidas pela percussão da curimba, seus cânticos e sua interação com os demais atores, ativos, como os médiuns de incorporação ou passivos como no caso da assistência, que ali vai buscar as dádivas que os mesmos oferecem. Cientes que somos, ser este som, produzido com vozes, palmas e instrumentos como os tambores, visto como música e como tal “terem tudo a ver com comprimento e frequência de onda, com ressonância e dissonância, com todo um mundo de conceitos e medidas, compartilhadas pela engenharia, pela arte e cultura. Faltava quem sabe estabelecer uma ligação mais clara entre música e energia.”²

Para isso fomos buscar, na observação ritualística, na fala dos entrevistados, na literatura acadêmica sobre o tema e, mais ainda, em áreas aparentemente tão díspares como, o processo de transe mediúnico e a produção e dispersão de energia gerada pelo toque dos

¹ Wagner Almeida é quem exerce esta função no CCE Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira-Mar.

² FARIA, Arthur de. RS: um século de música. Porto Alegre: CEEE, 2001. V. 1 - p.358. Tese de doutorado. 250

tambores, onde pode estar esta intersecção. As entrevistas apontam modelos de cruzamento destas experiências desde o ensino, à formação como tamboreiros, e suas relações com os rituais.

1.1 OUVI O RUFAR DOS TAMBORES

“Ouvi o rufar dos tambores, saudando a linha de Guiné!” Ao longo dos séculos os tambores foram utilizados com as mais diversas significações, sensorial, religiosa, motivacional, de chamamento e alerta. No circo por exemplo, o mestre de cerimônias para elevar o grau de suspense, da próxima atração grita “rufem os tambores”, evidenciando assim sua periculosidade. Isto geralmente é feito antes do principal movimento do trapezista, ou quando o “homem bala” entra no canhão e/ou ainda antes das motocicletas rodarem em velocidade em uma circunferência gradeada de ferro, de mais ou menos uns três metros de diâmetro, em sincronizados malabarismos. Claro, por vezes rufam e se interrompem bruscamente com uma batida dos pratos metálicos, somente para que vejamos cair as calças do palhaço trapalhão.

As religiões os adotam (tambores) em seus cultos, ou na preparação destes. São vistos no Budismo, na Wicca, Hare Krishna e nas esotéricas. No segundo semestre de 2014, em uma saída de campo, nossa turma participou de dois cultos no Templo Central da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), na avenida Júlio de Castilhos centro de Porto Alegre. A IURD como já visto se destaca por ser uma igreja neo-pentecostal “macumbeira” e religiofágica (ver ORO³ p. 320) e intensamente crítica das religiões de matriz africana, demonizando exus e pombas giras promovendo a exorcização no palco durante os cultos de pessoas com eles manifestadas.

Coloquei no relatório exigido, haver percebido ao fundo da música que lá tocava, uma batida de tom grave e modo contínuo compassado como se fosse um som de tambor. Naquele momento carecia de maiores conhecimentos musicais, mas mesmo assim arrisquei a dizer que possivelmente as notas viessem de uma guitarra baixo. Embora não tenha havido de parte dos colegas a mesma percepção a este ruído, tampouco duvidaram de minha versão e o professor comentou ser possível sim ter “batidas” ao fundo, com a intenção de concentrar nossa atenção no ritual ali celebrado.

³ ORO, Ari Pedro; REVISTA USP, São Paulo – nº 68 p. 319 - 332 dezembro/fevereiro 2005/2006. “O neopentecostalismo macumbeiro”

Recentemente pesquisando para este trabalho, ao ler “Canto de xangô: Uma tópica afro-brasileira”⁴ artigo que procura analisar e demonstrar as características e utilização de tópicos musicais afro-brasileiros dentro de algumas obras do compositor Heitor Villa-Lobos e outros compositores brasileiros, fiquei sabendo que, o que havia percebido subliminarmente deveria ser um “Ostinato”⁵ ou como diz a autora Juliana Costa, significa que “ *a mão esquerda no piano utiliza, durante parte predominante da peça, um ostinato que sugere um caráter percussivo a este acompanhamento, possivelmente remetendo e simbolizando também as percussões de rituais de cultos afro-brasileiros. Além disso, essa constância do ostinato pode simbolizar também o caráter de transe, uma característica dos rituais afros-brasileiros*”

Prossegue:

“O transe característico destes rituais, simbolizado pela repetição causada pelo ostinato. - Representação do mito de Xangô: o ostinato pode ser também uma representação do barulho de raios caindo incessantemente sobre a terra, como diz o mito Xangô é normalmente conhecido como deus dos raios, do trovão e do fogo, em razão do mito (PRANDI; VALLADO, 2010, s.p.)”

Ainda faz parte da tese da Juliana da Costa, a citação onde Freire descreve que:

“na mão esquerda verifica-se que o compositor inseriu um ostinato. Como a obra foi composta após a visita do compositor a um cerimonial afro, acredita-se que este recurso tenha sido utilizado a fim de “relatar” o procedimento necessário para a chegada dos seus partícipes em um estágio de possessão hipnótica, que nessas manifestações é dado pela repetição dos gestos, movimentos (FREIRE, 2007, p. 158-159).⁶

Segundo Tiago Pinto: “o processo musical permite o surgimento de padrões inerentes, que resultam da combinação de alguns elementos de duas ou mais partes da música. Trata-se de um tipo de “ilusão de audição”, pois estes padrões são perceptíveis para uns, para outros só quando alertados. (Kubik, Gerhard; 1984)”⁷

⁴ Canto de xangô: Uma tópica afro-brasileira - Juliana Ripke da Costa - ORFEU, v.1, n.1, jun de 2016 P. 44 – 73. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/download/7068/6845>>. Acesso em: 12 out. 2018.

⁵ Um ostinato é um padrão musical curto, por exemplo, uma figura melódica, rítmica ou harmônica, persistentemente repetida ao longo de uma composição. Um padrão melódico definido no baixo é chamado ostinato baixo (e também é conhecido como baixo terra). Disponível em: <<http://www.violinonline.com/glossary.htm>>. Acesso em: 12 out. 2018.

⁶ FREIRE, Priscila Gambary. Dança brasileira e dança negra para piano solo de Camargo Guarnieri: Uma abordagem interpretativa. 2007. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas.

⁷ OLIVEIRA PINTO Tiago de; Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora - Diretor do Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha – ICBRA. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2001, V. 44 nº 1.

1.2 OBJETIVOS

Nosso interesse recai sobre a prestação de serviços limítrofes aos espirituais, por isso nos propomos a focalizar os “Tamboreiros”, chamados também de “curimbeiros”, que fazem a parte sonora, vocal e instrumental da sessão e nos proporcionam rico material de pesquisa e múltiplos questionamentos quanto a sua inserção, preparação, atuação, utilização, intersecção, influência e, mas não finalmente, sua motivação. Problematizamos a crescente “profissionalização” destes elementos ritualísticos, que atualmente formam verdadeiros “conjuntos musicais” para animar festas, giras e sessões nas mais diversas linhas de trabalhos, como Nação, Batuque, Umbanda (branca ou cruzada) e Quimbanda, algumas com tão diferentes energizações vibracionais e espirituais.

Os principais questionamentos foram feitos por vezes, de maneira direta e em outras distribuídos ao longo das entrevistas somente pela interpretação das respostas, e foram seguintes, quais os fundamentos do uso da percussão nos trabalhos das afro-religiões, qual a transmissão, vibracional ou energética e suas diferenças ao usar ou não tambores, agês ou outros instrumentos de percussão ou mesmo palmas, até onde influencia a participação de percussionistas autônomos que atuam nas mais diferentes casas de todas as linhas e se eles possuem os fundamentos que as diferentes linhas exigem, e ainda qual o futuro possível para a curimba presencial, na medida que algumas casas já vêm se utilizando de pontos gravados e transmissão por som mecânico.

Além destes não pudemos resistir, nem força fizemos para isso, à tentação de obter a maior quantidade possível de depoimentos também sobre outros assuntos, conforme surgiam na conversa. E ainda com “primeiras” intenções de futura utilização ou cessão aos colegas que, queiram elas aproveitar, o que desde já colocamos a disposição.

1.3 METODOLOGIA

Utilizamos para a elaboração deste trabalho a observação participativa, o estudo das entrevistas feitas com serventes destas correntes religiosas africanizadas, questionando-os quanto as suas iniciações, motivações e composições, se filantrópicas ou comerciais, individuais, grupal ocasional e ou organizados empresarialmente, analisando e sintetizando suas respostas. Fizemos o acompanhamento destes em festas (também nos utilizamos de materiais já coletados previamente) entrevistando-os qualitativamente, como também aos próceres, Cacique, Pai ou Mãe do Terreiro, onde buscamos saber como se dão, de vários

ângulos, estas relações anímicas na parte terrena ou espiritual, na econômica e na energética dispendida ou dispensada.

Para delinear nosso objeto de pesquisa, quanto ao uso de instrumentos de percussão, e sobre as performances dos indivíduos que os manuseiam, nos cultos e rituais Afro-brasileiros, limitamos espacialmente ao Rio Grande do Sul e mais referenciado ainda à região metropolitana de Porto Alegre com ênfase na cidade de Canoas, sede de uma Federação importante que congrega mais de cinco mil casas “de religião”, das linhas de Umbanda, Quimbanda e do Batuque, a FAUERS (Federação Afro Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul), presidida por Everton Alfonsin (ou Caco como alguns o conhecem).

Esta Federação, proporciona o aprendizado, em seu curso de tamboreiros que está aberto para qualquer pessoa interessada, que pretenda se incluir nas religiões de matriz africana, pela percussão dos instrumentos da curimba, tambores os agês. O Professor é Ogã confirmado tendo se aprontado antes dos quinze anos de idade e nesta idade tocado seu primeiro batuque sozinho. Na página vinte e dois (e seguintes) veremos maiores detalhes sobre o curso, como sumula, quantidade de aulas e parte pedagógica.

As entrevistas foram feitas confiando na grande capacidade de armazenamento do aparelho eletrônico de gravação digital, que nos utilizávamos. Apesar deste equipamento ser de reduzidas dimensões isto era sempre previamente informado ao “nativo” e requerida sua concordância.

1.4 JUSTIFICATIVA

Decantando e analisando as respostas destes partícipes dos rituais afro-religiosos, pretendemos trazer para o mundo acadêmico alguns ângulos perceptuais ainda pouco visitados, embora não tenhamos a pretensão do pioneirismo pois sabemos que o tema é bastante explorado com a competência dos mestres e doutorandos que citaremos no corpo do texto, e pela vasta bibliografia existente. Cumpridas nossas metas teremos uma melhor noção sobre quais são os fundamentos do uso da percussão nos trabalhos das afro-religiões assim como, quanto à transmissão, vibracional ou energética e suas diferenças ao usar ou não tambores, agês ou outros instrumentos de percussão ou mesmo somente palmas. Parece-nos importante ainda procurar saber até onde influencia a participação de percussionistas autônomos que atuam nas mais diferentes casas de todas as linhas e perspectivas futuras para a Curimba, na medida que algumas casas já vêm se utilizando de pontos gravados e aparelhagem de som mecânica.

Obviamente não chegamos ao ponto de esgotar o assunto, respondendo a todos os questionamentos, sequer temos ainda estofos para isso, nosso intento é apenas ajudar e trazer à academia uma parte do comércio de bens e serviços religiosos como vimos em Oro e Steil (2003, p. 309)⁸:

[...], “No entanto, se historicamente a oferta desses objetos ocorria sobretudo nos espaços sagrados e sob a hegemonia das instituições religiosas, nos últimos anos constataram o aumento da presença de artigos e símbolos religiosos no espaço comercial secularizado, no qual eles aparecem como um item a mais a ser selecionado dentre uma variedade de bens e serviços triviais e prosaicos do consumo cotidiano. [...] observa-se, assim, um deslocamento do comércio de bens e artigos religiosos dos ambientes sacralizados, dos quais retiravam, em grande medida, a sua aura, para os ambientes comerciais, onde [...] se confunde com a oferta de outros bens de consumo diário. Isto significa, portanto, que os bens sagrados, que em outros momentos da história foram colocados no polo oposto das coisas profanas associadas, nas mais das vezes, ao econômico e ao material, neste momento se apresenta como mais um bem de consumo ao alcance de todos aqueles que podem arcar com os custos.”

Segmentamos este trabalho com a explanação sobre a importância da oralidade, nas religiões de matriz africana, tanto na transmissão de conhecimentos, como ao cantar os pontos de trabalho da Casa e de cada entidade. Enfocamos a questão dos fundamentos por ser a estrada segura por onde passa o futuro, a continuidade e a preservação das crenças e ritos afro referenciados, o seu devir religioso. Ao dar a palavra aos entrevistados, logramos destitui-los da possibilidade de erro interpretativo, evitando filtros em seus depoimentos originais. O cerne deste trabalho, os tamboreiros e suas agências são desnudados, tanto pelo empirismo nas descrições das participações observantes, como na sabedoria que imana dos entes que contatamos, e nos foi possível captar, ao longo desta pesquisa etnográfica.

Após a introdução compartilhamos quatro capítulos (divididos em subtítulos) de forma que, o que segue versa (2) sobre as afro religiões mais cultuadas aqui no Sul, suas difusões de saberes, princípios (fundamentos) a serem respeitados e os motivos de terem tido uma boa aceitação, desde quando aqui se instalaram, até os dias atuais. No capítulo posterior (3) apresentamos a Federação Afro Umbandista e Espiritual do Rio Grande do Sul (FAUERS), dada a importância da mesma não somente para esta etnografia, mas para a religião como um todo e as mais de cinco mil casas filiadas. Mostramos o Curso de Tambor dado pela FAUERS

⁸ ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. O comércio e o consumo de artigos religiosos no espaço público de Porto Alegre – RS. In: BIRMAN, Patricia (Org.): Religião e espaço público. São Paulo: Attar: CNPq/Pronex, 2003.

como referencial para os que se propõe a participar dos rituais, como componentes da percussão (tamboreiros). No capítulo seguinte (4) persistia uma dúvida sobre a disposição do mesmo ele parecia pertencer aos anexos, mas constatada a riqueza de detalhes, a firmeza das respostas e o entusiasmo com que falaram sobre as religiões afrocentradas, nos convencemos a incluir, o dito por nossos entrevistados, de maneira quase integral no corpo do texto. Antes da conclusão, introduzimos um capítulo (5) com a finalidade de ordenar as percepções advindas desta passagem fugaz pela encruzilhada dos devires que se apresentam no cotidiano das religiões de matriz africana, o nosso voo panorâmico.

2 TAMBORES DE AGORA

“A escrita é uma coisa e o saber outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo aquilo que nos transmitiram, assim como o Baobá já existe em potencial em sua semente.” (Tierno Bokar Salif⁹)

2.1 TOQUES E CANTOS

Um dos “pontos” preferidos por quem frequenta os terreiros, geralmente é tocado logo nos inícios dos trabalhos nos rituais afro-religiosos de umbanda e quimbanda, e diz assim:

- Tambor, tambor, vai buscar quem mora longe tambor...

No Centro de Caridade Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira Mar¹⁰, esta cantiga vem comumente a seguir das preces de abertura, do Hino da Umbanda, Hino da Terreira, as chamadas das entidades que regem a Casa (Iemanjá e Ogum Beira-Mar), e das falanges que trabalharão naquele dia, após ainda a invocação dos Eres, Cosme e Damião protetores das crianças. Mas ele vem “com toda a força da umbanda” e põe a girar aquelas que por ali estavam “de ronda”, sem chegar e tomar por completo conta do seu aparelho receptor. A percepção que temos da assistência é que a chamada nominal destas falanges, embalada pela enérgica batida do tambor, e do chocalho do agê, se torna uma chave que abre efetivamente, naquela gira, o portal que une os planos espirituais que para ali convergem.

- Oxóssi nas matas, Xangô na pedreira, Ogum no Humaitá, mamãe Oxum na Cachoeira... E os “caboclos arriando”, como diz em outro ponto quando, o “mato está quebrando”.

No momento é o que temos para iniciar os trabalhos, mas com certeza são “coisas”¹¹ muito fortes e trespassam a “corrente” formada, levando à assistência uma vibração tamanha, que alguns mais concentrados e permeáveis incorporam também, sendo levados para a frente

⁹ TIERNO Bokar Salif, - Bandiagara (Mali). Grande mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, - tradicionalista em assuntos africanos, Cf. HAMPATÉ BÁ, A. e CARDAIRE, M. 1957.

¹⁰ Terreiro de Umbanda cruzada que fica na rua Martins de Lima subindo para o Morro da Cruz, foi fundado e conduzido por Eclair Silva, e tem eficiente transmissão geracional formando tamboreiros, entre filhos e netos de seus médiuns e frequentadores. Acompanho há mais de vinte e cinco anos os trabalhos desta casa.

¹¹ Para Durkheim os fatos sociais podem ser estudados objetivamente, como “coisas”. Pêrsio Santos de Oliveira, Introdução à Sociologia p. 13. e/ou “Como se sabe, na perspectiva durkheimiana, a religião deve estar fundada na natureza das coisas, deve corresponder a algo real, portanto, não pode admitir que sua origem seja explicada como produto de um delírio. Embora os homens não identifiquem com clareza a origem do que os faz ver nos seus objetos de culto algo sagrado, o sentimento da presença do sagrado é algo real, ou seja, se eles assim o sentem, é porque deve haver algo que objetivamente provoca tal percepção.” (WEISS, Raquel; Durkheim e as Formas Elementares da Vida Religiosa - Debates do NER p. 109, jul./dez. 2012)

do Congá e ali orientados pelo Cambono e pelas Entidades conhecedoras da doutrina da casa, sendo convidados e guiados firmemente a “descarregar seus aparelhos”, deixando-os melhor do que encontraram. É desta forma que, geralmente se iniciam os rituais, nas linhas de umbanda especialmente nesta terreira que já de muito frequentamos.

Como já vimos acima, a forma inicial e os “pontos” podem variar, por ser a transmissão destes fundamentos difundida oralmente entre gerações e as palavras ditas ao cantar podem sofrer variações de ritmo ou pronúncia, por vezes alterações significativas da letra destas cantigas. Segundo os anciãos conhecedores da cultura afro-brasileira, a origem do nome “ponto”, para estes cantos nos rituais deve-se a semelhanças destes com o trabalho das costureiras que ponto a ponto vão amarrando as costuras e unindo os panos nos seus afazeres confeccionais¹².

2.1.1 A Transmissão oral

Faz parte do senso comum o fato de serem os conhecimentos, sobre as afro-religiões, transmitidos ao longo dos tempos pela oralidade. Inobstante as perdas e as más recepções, os erros de entendimentos e a grande variedade de linguagens envolvidas, esta forma de transmissão prepondera através dos tempos, regiões e culturas, mantendo a execução dos rituais, cultos e fundamentos dentro de uma faixa razoavelmente estreita de variações, desvios e dispersão. Isso continua válido mesmo em *terra brasilis*, onde se sabe que houve a quebra dos núcleos culturais pela separação dos escravos africanos, em várias regiões, sempre privilegiando a mistura de diferentes tribos/nações, segregando assim idiomas, religiões, mitos, lendas e tradições, de maneira a pulverizar a herança cultural remanescente, dificultando a organização e o agrupamento, pelas diferenças.

Os que aqui chegavam, provenientes das várias partes da África, oriental, equatorial ou ocidental, que lá formavam importantes Nações, como a Bantu, a Iorubá e a Fon, e que se destacaram por seus cultos aos ancestrais e à natureza – inquices/bantu, orixás/ioruba e voduns/fon – e seu panteão de divindades distintas, aqui se fragmentaram e mesmo que, em África, fossem as nações inimigas, no Brasil precisaram se unir, para reencontrar sua identidade. Produziram assim um conjunto adaptado de cultos e rituais, sem perder os

¹² Sabedoria popular.

fundamentos das suas raízes, preservando tradições religiosas tão antigas, como talvez, os primeiros habitantes da Terra, e originando aqui o Candomblé.¹³

Na academia, “onde a escrita se sobrepõe à oralidade, onde o livro constitui o principal difusor da herança cultural, por muito tempo julgou-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura” (Bâ, 2010, p. 167), entretanto esta valorização dada à escrita, pode entravar pesquisadores que ainda não tenham dimensionado devidamente, a importância dos fatos revelados através da oralidade.

“Nas tradições africanas [...] a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. (BÂ, AMADOU HAMPATÉ, 2010, p.169).”

Salienta ainda Hampaté Bâ¹⁴ que, “de um tempo para cá, uma importante parcela da juventude culta vem sentindo cada vez mais a necessidade de se voltar às tradições ancestrais e de resgatar seus valores fundamentais, a fim de reencontrar suas próprias raízes e o segredo de sua identidade profunda”¹⁵, referindo-se aos jovens africanos formados em universidades francesas, difusoras do pensamento eurocêntrico, que passam a perceber não serem as tradições orais, apenas “ histórias de velhos”. Sabem que esta preparação teórico-metodológica precisa ser relativizada com circunstâncias reais de vida, só assim poderemos empiricamente, refutá-las ou confirmá-las de vez.

Assim “quando falamos em tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu, reside e resiste, na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África”¹⁶, e no “caldo” da cultura brasileira a oralidade se manteve intimamente ligada a todas as influências afro-focadas. Ao apresentarmos o Curso de Tamboreiros (p. 24), abrimos certamente um flanco na tradição da

¹³ Mauricio, George; O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá, Fon)/Odékileuy e Vera de Oxaguiã; (org. Marcelo Barros) – Rio de Janeiro: Pallas 2011 p. 32.

¹⁴ BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 8, p. 169.

¹⁵ IBIDEM, pág. 210

¹⁶ História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010

transmissão oral, por sua metodologia ser amparada por apostilas e metodologia didática elaborada por uma pedagoga, atendendo as exigências da modernidade.

2.1.2 Fundamentos

Nossa vida cotidiana é composta por diversos elementos e práticas individuais ou coletivas que, por vezes, passam despercebidos aos nossos olhos,[...] Certeau, identifica o cotidiano como sendo o espaço propício à inventividade e à resistência, para que os indivíduos construam sua própria história, afirma ainda que as microrresistências são possibilitadas, uma vez que os indivíduos desenvolvem estratégias e táticas para “fugirem” do poder exercido sobre eles. Essas microrresistências são realizadas silenciosamente, apresentando-se apenas a quem estiver disposto a vê-las (CERTEAU 2000).¹⁷

É justamente esta sacralidade, o seguimento fiel destes conjuntos de regras básicas recebidos e a manutenção dos alicerces e princípios, quando transmitidos, que fazem com que as religiões afro focadas se perpetuem de uma maneira fulgurosa e atinjam públicos diversos, cada vez mais, e seguidores fervorosos por todos os tempos, passados e certamente futuros. Os “Fundamentos”, me permitam o pleonasma, alicerçam e ancoram com firmeza as linhas afro religiosas que, a despeito das diferenças ritualísticas mantém sua essência inextricável. Mesmo assim como diz Ramos, não há um sistema fechado, seguindo orientações fixas e nem categorias estanques [...] cada Casa é um caso, cada Casa pode começar de forma diferente de outra um ritual... (p. 118).

Estes fundamentos são explicitados na tese para obtenção do grau de doutor em Antropologia Social de João Daniel Dorneles Ramos¹⁸, tanto na interpretação do autor, como nas falas de seus interlocutores, como a Mãe Irma e a Mãe Jalba, até nas intervenções dos Tamboreiros¹⁹ contratados como na mesma página, mencionada acima, escreve Ramos: “um dos Tamboreiros questionou a mãe de santo perguntando se ela não fazia a matança por escala[...] Mãe Jalba respondeu que começaria daquele modo, mas que depois faria a escala, porque ela (Mãe Irma) é da Oxum e do Xangô”.

¹⁷ Michel de Certeau, citado por Josiane Barbosa Gouvêa e Elisa Yoshie Ichikawa em “Alienação e Resistência: um Estudo Sobre o Cotidiano Cooperativo em uma Feira de Pequenos Produtores do Oeste do Paraná” - Gestão & Conexões = Management and Connections Journal, Vitória (ES), v. 4, n. 1, p. 68-90, jan./jun. 2015. (p.69)

¹⁸ O Cruzamento das Linhas: Aprontamento e Cosmopolítica entre umbandistas em Mostardas, Rio Grande do Sul - – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. (Lidos os capítulos 1 e 2)

¹⁹ Vou trata-los assim pois não sei se os seus aprontamentos lhes habilitam a serem chamados de Alabes, mas ao que parece, por suas intervenções eles tem os FUNDAMENTOS necessários para este título.

E ninguém nosalaria melhor disso que o Mestre Borel, quando a tese de Olavo Ramalho Marques²⁰, explica com sua imensa sabedoria, especialmente voltada às religiões de matriz africana:

“O guardião das memórias, nos diz que teve pouco estudo formal, escolar, e que passou a se dedicar às suas raízes africanas, onde aprendeu tudo o que sabia – sendo extremamente reconhecido por isso. Tomou gosto pela religião. Aprendeu a desenvolver o Iorubá, que aprendeu com a avó. E passou a estudar o tambor - os tipos e formas dos tambores, as batidas e as rezas, os toques de cada nação ou linhagem, as palavras que devem ser faladas para louvar cada orixá. Fala da sua atuação como alabê (tamboreiro), e diz que hoje está tudo muito deturpado. Diz que hoje os guris tocam muito rápido, com virtuosismo, mas não se apercebem que aquilo é uma mensagem. Borel foi muitas vezes premiado e agraciado com títulos de reconhecimento ao seu papel como mestre, griot, guardião da memória. Foi reconhecido nacional e internacionalmente por sua atuação como alabê, mencionando passagens suas junto a religiosos de Uruguai, Cuba, Argentina, entre outros Países (Grifo, nosso)”

A fala do Mestre Borel nos leva a pensar nas relações estabelecidas e rompidas entre práticas, enunciados e formas de existências que não tomem o aspecto apenas dos humanos em detrimento das outras formas (objetos, ritos, entidades, etc.) e impele que analisemos holisticamente, a parte ritualística e a interação destes agentes, especialmente dos atabaques (tambores) e seus atacadores, relativizando as modernidades agregadas e os devires a estas propostas. Existem “maneirismos” que ainda não receberam a devida atenção por parte de pesquisadores²¹, por serem recentes em relação ao tradicionalismo afro religioso, e que tendem a descontextualizar e tirar a força destes agentes, humanos e não-humanos, nas políticas cosmológicas onde estão inseridos, levando-os ao risco de desaparecerem, ou de serem aglutinadas a formas populares de prática musical e à perda de suas características e de suas funções originais o que segundo Carlos Steil (2001)²², pode representar:

“Uma ameaça à identidade, na medida em que este pode significar uma perda do controle sobre os sentidos e os bens simbólicos produzidos em seu interior. Esta ameaça tem dado origem a duas atitudes recorrentes no campo institucional: a afirmação do exclusivismo que delimitaria o seu universo a um ciclo restrito de adeptos ou da tolerância, que as abriria para acolhida em seu interior, da fragmentação produzida pela modernidade sobre o campo religioso. (STEIL, 2001 p. 117) ”.

²⁰ Sobre Raízes e Redes: Territorialidades, Memórias e Identidades Entre Populações Negras em Cidades Contemporâneas no Sul do Brasil – UFRGS – 2013 – MARQUES, Olavo Ramalho - Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/78159>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

²¹ Por justo ressalvo os trabalhos dos Doutorandos da UFRGS, Leonardo Oliveira de Almeida – Fonografia religiosa afro-gaúcha: o ritual e o gravado no contexto de novas artisticidades; e Olavo Ramalho Marques que já citei acima, bem como outros componentes do NER/UFRGS onde busquei parte da bibliografia utilizada, que tratam o assunto por angulações diversas.

²² STEIL. C. A. In: Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, año 3, n. 3, oct/2001, p. 115-129. Professor do PPGAS/UFRGS

Em comum, esses diversos modos de “artisticidades” (Almeida, 2018 p. 201) performáticas que trazem a marca da matriz africana, têm o tambor como elemento fundamental, quiçá sagrado. É através dele que, “*num cerimonial afro, o estágio de transe é atingido, em geral, pela repetição dos movimentos. Trata-se de um processo continuado que tem de fluir naturalmente, a fim de que a pessoa atinja de forma também natural o transe hipnótico. Não se refere a um procedimento rápido, mas circunstanciado, que num dado momento atingirá o clímax. Portanto, deve ser executado obedecendo-se a este procedimento de naturalidade, espontaneidade, que prepara o momento da incorporação de elementos transcendentos.* (FREIRE, 2007, p.162)”.

“*Tambores, seguindo as tradições ancestrais, sempre buscando a sonoridade que está na memória daquele povo*”²³. A música e a dança sempre estiveram inextricavelmente associadas à maneira utilizada para se chegar, nos rituais afro religiosos, à incorporação e ao êxtase (transes mediúnicos), que são provocados pelo toque dos tambores, os quais fustigam as entidades do panteão afro-brasileiro, nas linhas de umbanda, batuque/nação e quimbanda, as mais praticadas aqui no Sul e no candomblé, este mais no Rio de Janeiro e Bahia.

Silvio Ruiz Paradiso e Deyse Natali González afirmam:

“ser assim que, tal grupo entra em contato com as divindades em um momento de sublimação ao sagrado, isto é, abandonam o mundo externo para vivenciar suas raízes religiosas, na crença de que os seus deuses iorubás ou bantos estão presentes nesse ambiente, para fortalecê-los como sujeitos que lutam contra os preconceitos e valorizar sua história e cultura africana como parte da sua identidade negra ”²⁴ (PARADISO; GONÇALEZ, p. 335).

2.1.3 Avante filhos de fé

Ao escrever sobre a boa aceitação das afros religiões aqui no Rio Grande do Sul, Ari Oro diz que “*isto se deve ao caráter peculiar do gaúcho, que tradicionalmente costuma explicitar suas preferências, sejam elas religiosas, políticas ou esportivas, sem o artifício da dissimulação ou ‘escamoteamento’*”, sendo, paradoxalmente, também este o motivo das oposições enfrentadas. A expansão do Batuque se deu a partir da segunda metade do século XIX e sua adaptação foi tranquila pois se identificou com as condições existentes, agrária e

²³ Tambores e batuques: circuito 2013-2014. – Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2013. 88 p. (Sonora Brasil). p.11.

²⁴ PARADISO & GONÇALEZ - O ‘TAMBOR’ COMO SÍMBOLO METONÍMICO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA, NA POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA - Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.19, n.2, p. 327-346, jul./dez. 2014 - ISSN 1516-2664 (P. 335)

rural tendo, inclusive em Porto Alegre grandes áreas ainda não urbanizadas (ver TADVALD, Marcelo; p. 57)²⁵.

Por volta dos anos trinta do século passado chegava até o Sul, recém-criada pelo cacique das Sete Encruzilhadas incorporado no médium, de pouco mais de dezessete anos vividos, Zélio de Moraes lá na Cidade do Rio de Janeiro, a umbanda. No início da umbanda, não se usava tambores, de acordo com a situação vigente o uso destes era reprimido pela polícia, que através de sua Delegacia dos Costumes exercia forte fiscalização aos que descumprissem estes preceitos.

Algumas linhas e casas, não adotam o tambor em seus cultos, limitando-se ao canto e sonorizações que podem ser de pontos gravados ou apenas uma música relaxante, enquanto que algumas linhas de ciganos tendem a usar violinos e pandeiros nas suas sessões exclusivas, pois quando cultuados junto aos exus dançam e festejam ao som dos tambores. Entre os Centros de Umbanda que não se utilizam dos atabaques, já visitamos os Cavaleiros de São Jorge, com instalações em vários locais do Estado, como Tramandaí por exemplo, sendo que o de Porto Alegre fica na Rua Vicente da Fontoura, no trecho entre as avenidas Ipiranga e Bento Gonçalves. Lá os transes mediúnicos se dão ao som de música suave própria para meditação, em baixo volume. Trabalham com duas correntes formadas, uma no térreo e outra no andar superior, que atendem um grande número de fiéis dadas as longas filas que se formam nos horários de culto.

Assim como no batuque, as divisões por linhas ou lados ocorreram também na umbanda, estando entre elas as linhas, branca, cruzada e a quimbanda. Os ritos iniciáticos não envolvem sangue, nem os rituais relacionados com o que chamam, de “obrigação”²⁶, similares aos do candomblé e ainda exigidos para os iniciados no batuque ou nação. Para chegar a cacique e poder abrir sua própria casa o médium umbandista passa por algumas fases preparatórias ao longo de pelo menos uns sete anos durante os quais passa por diversas funções auxiliares. Estas fases me foram descritas por Leciano (voltarei a falar nele) e segundo ele se compõem de cruzamento na terreira, na mata, na cachoeira (ou rio) e por conta de nossa observação podemos acrescentar ainda, na praia de mar.

²⁵ TADVALD, Marcelo; “Notas Históricas e Antropológicas Sobre o Batuque no Rio Grande do Sul”. In: RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 05 – n. 01 – 2016 p. 46 – 59

²⁶ Processo ritualístico onde a pessoa fica no terreiro por um período em média de sete dias praticando atos religiosos em clausura. “As iniciações podiam ser longas, pois as relações de trabalho eram ainda relativamente frouxas ” (**Idem p. 57**). Conforme Jorge Grinã (ver fala dos entrevistados cap. 4.6) atualmente este tempo foi reduzido por causa dos compromissos sociais e profissionais dos “filhos de santo”.

Nas linhas de umbanda sem o uso do sangue, recorrem às frutas, folhas, flores e perfumes, utilizando ainda bebidas como a cachaça e os espumantes (exceto na linha branca) cervejas brancas e pretas, vinho e sucos, e ainda o fumo, charutos, cigarros. O mel e as velas.

3 A FEDERAÇÃO

A pesquisa nos levou até o município de Canoas, ao lado e ao norte de Porto Alegre, onde a FAUERS promove cursos de tamboreiro, tendo formado em setembro de 2018 a décima segunda turma, também os divulgando através do facebook. Em 5/11/2012, quando na sétima turma, este curso foi tema de uma reportagem conduzida pela jornalista Roberta Schuler e registrada fotograficamente por André Feltes, nas páginas do Jornal Diário Gaúcho do grupo RBS – Rede Brasil Sul de Comunicações.

Salientando a sacralidade do instrumento, e a força do seu toque ao se comunicar com orixás, caboclos e pretos velhos, a reportagem aponta ser o objetivo do curso ensinar os fundamentos deste instrumento a pessoas com qualquer nível de conhecimento religioso ou musical. O professor, que acumulava à época o cargo de vice-presidente é também Babalorixá, começara a tocar tambor aos 14 anos e aos 15 já se aprontou como alabê, pois já trazia o africanismo de berço.

Grinã aprendeu as batidas do tambor de forma autodidata, pois não conhecia cursos que ensinassem esta atividade. Com o respaldo da Federação, montou o curso junto com Maria Inês Pacheco, em 2009. Até sua sétima turma já havia formado 103 tamboreiros estando agora em 2018 na décima segunda turma que se formou no final de setembro na solenidade conhecida como “Caminhada de Xangô” no Parque Municipal Getúlio Vargas, em Canoas.

A Federação Afro Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul, FAUERS, congrega mais de cinco mil terreiros em nosso Estado e é presidida por Everton Alfonsin. Possui sólida estrutura física e suas instalações comportam um grande número de visitantes ou frequentadores do Templo de Umbanda Pai Tomé que ali funciona também. O curso é ministrado pelo professor Jorge Grinã, pai de santo com casa em Rio Pardo e outra no Guajuviras, um bairro de Canoas. Sua metodologia foi elaborada pela esposa do presidente, Maria Inês Pacheco, coordenadora pedagógica, que organizou as fases e apostilas do curso

didaticamente. Quando entre os alunos matriculou-se um cego, adaptações foram feitas, incluindo apostila em Braille e recursos de áudio para que ele acompanhasse o curso. Também foram feitas experiências com todos os alunos tocando com os olhos vendados.

3.1 CLAREIA O SOL, CLAREIA A LUA

Superada pelas exigências da vida contemporânea, a oralidade cede lugar aos cursos preparatórios, sejam eles presenciais ou mesmo à distância, com recursos de áudio/vídeo e internet e de apostilas impressas. Cursos que procuram ensinar aos futuros Tamboreiros, neste caso pode-se usar a expressão, Tambozeiros, como Almeida²⁷ usou para definir quem era “Mão de Couro”, o ogã confirmado e quem só era tocador deste instrumento, não tendo cumprido os ritos de iniciação e confirmação, como manusear este instrumento e os principais toques (batidas, ritmos) desde ijexá até o barravento.

Estes cursos, mostram os Fundamentos, o porquê de cada toque, o toque particular de cada orixá, salientando que o importante não é só saber tocar, tem que saber como e o que tocar, saber o que está fazendo, cantando, principalmente o que está com suas batidas e cânticos invocando. Ogãs-Alabes ministrantes destes cursos deixam clara a responsabilidade com que o aluno deve encarar este aprendizado e sua futura participação como curimbeiro.

O curso de tambor da FAUERS teve sua estruturação teórico-metodológica elaborada pela pedagoga Maria Inês Pacheco, distribuída em vinte e cinco aulas semanais, sendo o dia definido por consenso entre os participantes. Na 12ª turma, cuja formatura assistimos, as aulas aconteciam aos domingos, com duração de 3 horas por aula. Esta décima segunda edição se estendeu de oito de abril a vinte e quatro de setembro de 2018. O curso propõe matérias teóricas e práticas (ver sumula no próximo parágrafo), além da vivência (atitude, postura, disciplina, sensibilidade). O aluno se matricula pagando um valor entre quatrocentos e quinhentos reais e precisa trazer seu tambor, recebendo incluso camiseta e apostilas acrescidas de mídia áudio visual para aprendizagem. Preliminarmente é feita uma oficina com os candidatos onde é demonstrada resumidamente a didática empregada.

²⁷ ALMEIDA, Leonardo Oliveira de; “Eu Sou O Ogã Confirmado Dessa Casa”: Dilemas da profissionalização e consagração religiosa de ogãs em terreiros de umbanda em Fortaleza.

Na sumula do curso, ministrado pelo Professor Jorge Grinã, consta: Espera-se que o aluno frequente a aula executada na sede da FAUERS, com um mínimo de frequência (75%) atentando para os conteúdos, para realização de avaliação, podendo obter ao final do curso o certificado de conclusão, com média mínima com peso 7,0 assim distribuída:

- **ATITUDE:** - Peso 2,0 – A participação requer a leitura prévia dos textos indicados; envolvimento na realização das atividades propostas em aula; a efetivação de treino fora das horas/aulas; uso do uniforme; respeito perante o conteúdo; atendimento aos encaminhamentos e combinações no grupo.

- **TEORIA:** - Peso 1,0 – Corresponde a prova escrita sobre o polígrafo e conteúdo apresentados, obrigatória em dia e horário pré-determinados, e também, a realização da pesquisa do trabalho cujo conteúdo será contemplado na prova escrita.

- **PRÁTICA:** - Peso 7,0 – Consiste na aplicação dos toques e canto aprendidos, conforme solicitação do professor ao longo das aulas e em prova individual, previamente combinada: Pancada, afinação, vivências, toque no conjunto, relação toque/ponto/caboclo, sequência ritual.

Para Maria Inês Pacheco, pedagoga responsável pela elaboração das apostilas e da metodologia do curso, “a futura inserção dos formandos vai depender muito do fundamento da casa, porque aqui a gente não paga Tamboreiros”, disse citando a Casa Pai Tomé, que funciona nas dependências da Federação. “Aqui, eram (no princípio deste ano) duas tamboreiras, uma delas, minha filha. A pedagoga confirmou ainda, haver muitas casas que buscam estes tamboreiros, pagando por seus serviços. Dando como exemplo também a outra casa que frequentavam, em Alvorada, disse que a mãe de santo pagava os tamboreiros. Quando estabelecemos nossa casa aqui, o Caco (Everton Alfonsin, Presidente da FAUERS) sempre trabalhou para fazer um curso de formação de tamboreiros. Ressalvando que “o Pai Tomé²⁸ não gosta muito do Tambor, do barulho do tambor perto dele. Ele não gosta, Ele gosta longe, inclusive ele senta longe do tambor, porque dá consultas, e trabalha para a saúde, por isso o barulho do tambor não ajuda muito, perto dali.”

3.2 EU VOU DE UNIFORME BRANCO

Prossegue Maria Inês, “E aí então no começo nós não tínhamos tamboreiro, nós botávamos a música no aparelho de som, e aí o pessoal da corrente começou a se formar,

²⁸ Preto Velho, Entidade chefe espiritual do Terreiro, que tem o médium Everton como “cavalo”.

vinha o pessoal visitar e achava (que seria) legal (ter tambores), daí começamos a nos interessar e se criou o curso, porque como a nós vinham pessoas (pedindo) para ensinar, eu fiz a metodologia didática e o professor Grinã entrou com o conteúdo. O professor na época, que nós estávamos na outra Federação, ele era diretor inclusive, e a gente fez essa combinação, de fazer um curso e começar a formar as pessoas para as casas que a gente tem como filiadas. E aí a gente criou um curso de tamboreiro para Umbanda, não era para Nação, que Nação é bem mais difícil, bem mais complicado, bem mais longo e esse nosso são três meses, dois meses e meio na verdade, depende da dificuldade deles. ”

Quanto aos fundamentos do uso da percussão nos trabalhos das afro-religiões, segundo o professor Jorge Grinã, “ enquanto um curso para tamboreiro da umbanda pode ser dado em três meses, para tamboreiro/alabê precisaria até dois anos, pois com cinco toques tu conduz na linha de umbanda e para o batuque são trinta e três axés (toques) que não admitem erro na sequência sob pena de precisar reiniciar o toque que errou e sofrer um desprestígio, não sendo mais convidado para tocar, antes de provar que realmente sabe conduzir. Ao assumir o toque o tamboreiro passa a ser o responsável pela condução da festa, o pai de santo só vai interferir se ele errar, por isso em caso de não conhecer a Casa, é preciso que converse com o chefe do terreiro, para saber como o mesmo se utiliza desta sequência, se de Bará a Oxalá, a hora da saída dos ecos (ou seria ebós), a apresentação dos axés ele vai dar o sinal e o pai de santo vai fazer naquela reza. ”

Pertence à Inês a explicação: “ a metodologia é a seguinte, tu vais ter tantas aulas, duas vezes por semana, tem que trazer o tambor, tem que usar roupa branca, faz parte, não tocar assim (**este é o abata, pergunto**), sim o tambor de dois lados, tambor da Umbanda isso, então a pessoa só tem que trazer o tambor e vir de roupa branca, só que a camiseta entra no valor do curso, isso tem que usar a camiseta do curso. Se tem sapatos brancos usa, se não usa meias brancas ou toca de pés no chão, então este é o fundamento que o professor trouxe que eu fui incluindo na metodologia, que trabalha toda esta questão do respeito, entende, e depois eles vão ter tantas aulas, eles vão aprender cinco pontos, a nomenclatura do ponto, ele dá, ele faz a demonstração de como é o ponto, ele dá o tambor e tu tenta começar devagarinho, para ver que não é tão difícil. ”

“Então esta é a oficina, e também lá no final tem o polígrafo que a gente criou, com a história do tambor, com algumas questões metodológicas do toque, alguns pontos, e regras (**Fundamentos?**) dos tamboreiros, e depois no final ele faz uma prova prática com o presidente, e eu faço uma prova teórica com eles, e aí nesta metodologia o valor do contexto é dez, eles tem que tirar sete, sendo que sete, vale a avaliação prática, dois vale toda uma parte

de metodologia, **(teórica)** da teórica sim, e um vale o acompanhamento que o professor fez durante o curso, então sete, dois, um é a composição que eu faço para dar a média e entregar o certificado no final. ”

“O nosso Professor, Jorge Grinã é um babalorixá que nasceu tamboreiro, então ele sempre foi tamboreiro da casa da mãe dele, uma casa muito antiga, conhecidíssima em Rio Pardo, a mãe dele faleceu faz uns dois anos e quando ele passou a ser Babalorixá ele começou a formar os tamboreiros para a casa dele também, tanto para Umbanda como para Nação, porque ele é de Nação também. E aí quando ele veio ver nossa Federação, a gente se achou, a gente fez esta proposição, vamos fazer assim, ver no que dá, e foi, foi, foi que terminou sendo esse sucesso, hoje em dia. ”

Disse mais que “Ele trabalha na diretoria da Diversidade aqui de Canoas, na Prefeitura, é funcionário público, e é muito bonito assim o fundamento que Ele traz. Muita gente que quer aprender o toque para a Nação, daí ele diz, tal toque, se tu tocar com um detalhe assim ou assado tu podes começar a fazer o toque para o Xangô, por exemplo. Daí é diferente, não sei se vocês sabem, mas é de Bará a Oxalá, vários cantos e daí tem que aprender a língua Ioruba, então não é igual a Nação, o Alabe é diferente e as pessoas vem com esta expectativa muitas vezes, também por isso não fica no curso, às vezes. Porque acha que em seis meses vai aprender, e não é, para nação é bem mais longo o curso. ”

Pergunto a Inês se o ideal seria iniciar pela Umbanda, ela me responde que: “ tem muita gente que não quer Umbanda, que não tem Umbanda. Quem tem Umbanda sim, mas tem muitas pessoas que querem aprender e não são da Umbanda. Uma vez ele até tentou fazer na casa dele só para quem é da Nação. Quando eles vêm fazer o curso aqui, não tem axé, mas o respeito já tem que ter, não é para ficar tocando, brincando com aquele tambor, o tambor é de Xangô então tem todo um fundamento que o instrumento traz aí. ”

3.3 VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE TAMBOR

O Presidente Caco (apresento adiante), contou como situação inusitada, a história de um dos alunos que estando em sua casa, na praia, aproveitou para exercitar alguns toques recém aprendidos. Foi surpreendido enquanto tocava pela “chegada” de uma entidade desconhecida e violenta se manifestando através do corpo de seu pai. Esta presença repentina inclusive causou danos ao seu tambor e quebrou utensílios domésticos da casa, obrigando o tamboreiro, que não sabia como proceder, a telefonar para o seu professor e pedir ajuda, o que foi decisivo para o desenlace da ação mediúnica.

São exemplos como este, que reforçam a necessidade da pessoa que pretende intervir nos rituais afro-religiosos de adquirir os conhecimentos prévios e saber o que está fazendo com clareza, com quais forças seu toque mexe e as vibrações que dele emanam, conforme me explicou Hilton Vieira, advogado e estudioso, com trânsito em várias religiões, tendo participado ativamente nos rituais de terreiros afro-religiosos, praticado a apometria (terapêutica holística) e frequentado grupos de orações da Igreja católica.

Disse da importância do tamboreiro saber o que está invocando e assim como conhecer toques de chamada aprender também os de “subida” ou descarrego, porque só assim as entidades irão deixar seu aparelho aliviado e com boas energias. Salientou o perigo do tocar por tocar, bater no tambor sem respeitar ensinamentos consagrados. A forte possibilidade de alcançar um tom vibracional de abertura de umbrais que darão passagem a eguns, que estão em planos próximos a nós, sem o devido acompanhamento das entidades guardiãs como nos ambientes dos terreiros e nos rituais.

4 A FALA DOS ENTREVISTADOS

Ao escolhermos um tema para nossa pesquisa passamos a vivenciar a primeira dificuldade, aliás a segunda, que a primeira já está na escolha do assunto, por que passa um antropólogo, ou seja distância do objeto no sentido de difícil acesso a este, pouco ou nenhum material à disposição para o trabalho empírico e o tempo sempre muito escasso. Para o tema escolhido procurou-se levar tudo isto em conta e acabamos conseguindo conciliar todos os entraves que prevíamos em constantes golpes, mescla de sorte e de vários anos de amizades com os personagens chave e/ou por eles indicados. Alguns de pouca fé até dirão ter sido coincidência. Nós sabemos que nada é por acaso.

Conheci Taata Luangomina, durante os IX Jogos Pataxó, em Porto Seguro, Bahia e logo ao descobrir sua formação acadêmica, procurei me aproximar ouvir mais atentamente o que falava, pedi seu contato e mesmo a mais de dois mil quilômetros de distância, sempre que preciso falar sobre as afro-religiões recorro aos seus sólidos conhecimentos, também sobre elas. Leciano, com quem convivo desde muito, e vi tornar-se Cacique na umbanda, no primeiro ano do meu curso na UFRGS gravei uma entrevista de trinta minutos com ele e mais uma hora e meia com a entidade Zé Pelintra com que ele trabalha desde que se tornou médium. Encontrei Bel Agê em uma gira, no alto do Morro da Cruz, tocando seu agê de forma fantástica e, interagindo com os exus, fazendo os trejeitos de estar incorporada com uma pomba-gira. Todos ótimos informantes, conhecedores e estudiosos das religiões afro-focadas.

Através de anúncios, nas redes sociais, vim a conhecer uma Federação que congrega mais de cinco mil casas de religiões afro-matriciais e está instalada no vizinho município de Canoas. Lá fui prontamente recebido e pude colher ótimas entrevistas, com Inês, Everton, Amanda e Jorge Grinã, sempre gravadas, que transcrevo procurando manter as falas intactas para manter o essencial do posicionamento deles.

4.1 Taata Luangomina

Para esta pesquisa fui buscar “fundamentos” na ixí (terra) que foi o núcleo irradiador das religiões de matriz africanas e sua intersecção com indígenas e caboclos o que veio a fundir diferentes princípios, mas de igual essência. Isto foi possível por ter conhecido durante participação nos IX Jogos Pataxó, em Porto Seguro (BA) um antropólogo bastante atuante nas

africanidades, tão características do povo baiano, por enraizadas desde a chegada ali dos primeiros escravizados trazidos da África.

Ao Antropólogo baiano, Taata Luangomina²⁹ foi perguntado sobre as novas performances dos Alabes, sua crescente espetacularização e inserção no mercado laico, bem como sua adequação aos fundamentos das afros religiões. Até que ponto isto é aceito, tolerado ou mesmo ignorado nos rituais, giras de Exus e festas. E quanto a energia dispendida e dispersada?

Respondeu, usando intensamente palavras na língua Bantu, que no seu entendimento, “A presente espetacularização dos tumbundu (plural de kambundu), alabes se deu por conta que o Candomblé tem cada vez mais se tornado comércio. Eu aprendi, ao longo da minha vida que um kambundu (Auxiliar) é “feito” para aquela determinada nzó (casa) ele é iniciado juntamente com a ngoma (Tambor, Atabaque (Brasil)); Ilú na cultura Nagô Yorubá / Ketú, Djedje (Jeje), Efon.) toda vez que esse kambundu ou Taata-ngoma (Huntô “pai do tambor” em Jeje) ele vai “tomar” obrigações, essa ngoma vai junto com Ele porque, tanto a cabeça dele como a ngoma vai comer. Então ele é responsável por tocar, ele é responsável por fazer o Candomblé ali. Então a ngoma e ele são inseparáveis. É por isso que cada ngoma tem um “tocador”, tem um kambundu específico para conduzir os seus toques. ”

Para concluir manifesta-se o antropólogo, salientando que esta cosmologia tem sua origem nas novas inter-relações que sofrem mutações de acordo com as modernas concepções de religiosidade e maneiras distintas de chegar às entidades (depois veremos na resposta da Bel do Age que até as entidades estão mudando) e a troca realizada. Assim pondera Taata Luangomina: É claro que com as novas modernidades, cada vez mais as Casas têm contratado profissionais que tocam atabaque, mas que não necessariamente são Tumbundu, porque para ser Kambundu precisa ter filiação a uma casa e ser realmente dessa casa, não é ficar vadiando em certos espaços, que não são espaços que, seus fundamentos recebidos de determinada casa abrangem, cobrem ou lhe deem direito.

²⁹ TAATA NDENGE da Comunidade de Terreiro do Campo Bantuindígena Caxutê – NZO KWA MINKISI NKASUTE YE KITEMBU MVILA – MESTRANDO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UFRB (Universidade Federal do Recôncavo Baiano) – Bacharel em Humanidades pela UNILAB – Diretor do Museu da Costa do Dendê – Gestor da primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia – Escola Caxutê - Nome Civil: Heráclito dos Santos Barbosa (áudio e transcrição desta entrevista, em meus arquivos)

4.2 Leciano Santos

Destaco também a figura de Leciano³⁰, nosso primeiro entrevistado, ainda, no segundo semestre de 2014, mas já inclinados a tratar pela etnografia, os assuntos das afro-religiões, que por ter iniciado na umbanda como tamboreiro, forneceu rico material de pesquisa em sua fala.

Onze anos, pode parecer um pouco cedo para uma criança mostrar interesse em efetivamente participar dos mais diversos rituais religiosos, seja qual for a religião. Claro que somos desde nossos primeiros anos de vida impelidos por nosso núcleo social a conhecermos, respeitarmos e praticarmos o mesmo credo do grupo, mas isso é feito mecanicamente e não requer interesse, somente obediência. Estou falando dos dias atuais e de um centro urbano de tamanho razoável, que oferece as crianças inúmeras oportunidades de atividades lúdicas, físicas ou virtuais.

Recuo no tempo até meados dos anos 60, quando atuava como coroinha da Missa na Igreja Sagrado Coração de Jesus, as missas eram ainda rezadas em Latim com o Padre voltado para o altar e nós a postos com tarefas, que iam desde o badalar dos sinos anunciando a hora da missa, que já virava brincadeira, pois a grossa corda do sino, no seu retorno nos puxava para o alto, o que, não procurávamos evitar, até o toque de uma sineta anunciando a consagração, que nós sabíamos por relacioná-lo com os gestos do Padre e não com as respostas na mesma língua que deveríamos dizer, para as exclamações dele. Então muitas vezes ao ouvirmos “*Dominus Vobiscum*”³¹ e respondermos “*Et cum spiritu Tuo*”³² saía algo bem diferente com a mesma sonoridade que os fiéis não percebiam. Eram outros tempos a Igreja Católica dava as cartas e jogava de mão, mas significa uma ausência de solenidade litúrgica nas crianças.

Para chegar à casa do Leciano preciso subir ao ponto mais alto do Morro da Cruz, por uma rua que inicia na Avenida Bento Gonçalves, quase em frente ao Carrefour, até um local que impressiona por ser, simpático com gente alegre e muito ativa, intenso comércio de pequenos mercados, bares anunciando a transmissão direta dos jogos da dupla Gre-Nal e defronte à casa dele, tem ainda um Templo Evangélico numa loja contigua a este bar que citei.

³⁰ Médiun do Centro de Umbanda Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira Mar, que se tornou Cacique após ter passado uns sete anos como Tamboreiro, onde atuava desde os onze anos. O terreiro tem eficiente forma de reposição de seus tamboreiros, recrutados desde muito jovens entre os filhos de médiuns ou da assistência.

³¹ Expressão em latim: significa “Deus esteja convosco”

³² “E com espírito teu” (literal). Embora comumente respondida como “Ele está no meio de nós”. (Agradeço ao Professor Ari Oro a correção destas expressões e suas corretas traduções).

A casa possui dois andares ocupando a totalidade do terreno, sendo que a família dele ocupa metade da parte de baixo do prédio o que equivale a um apartamento com uma suíte, outro quarto menor, cozinha “americana”, sala e lavabo. Nesta sala foi montado um Congá para os trabalhos mediúnicos, e o espaço comporta ainda um computador com tela de LCD instalado abaixo do Congá, uma televisão 42” e no chão ao lado da TV uma grande imagem do Zé Pelintra, aquela clássica dele encostado a um poste e um sofá de canto na parede oposta de cinco lugares.

Leciano Santos, na época com trinta e três anos, casado, tem uma filha adolescente, frequenta a Umbanda desde os onze anos, no Terreiro onde trabalha sua mãe, Nara que é Cacique e Ogã da casa. Por quase uma década atuou como tamboreiro, função que desempenhou com muito brilhantismo ladeado por um grupo de rapazes e moças da mesma faixa de idade o que garante ao CCE Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira Mar a constante renovação da sua corrente e da curimba, por mais de três gerações – e pelo que se vislumbra para o futuro, pois novos Umbandistas já estão se aprontando.

Segundo o próprio entrevistado as vibrações já eram sentidas quando tocava tambor, mas as primeiras incorporações foram acontecer por volta dos 18 anos, o que também é uma característica marcante do referido terreiro que apesar de contar com uma quantidade de crianças e adolescentes nas sessões que realiza ficam apenas nos trabalhos de auxiliar, só vindo a integrar de fato a corrente quando adultos. Após as primeiras incorporações passou por um processo de doutrinação segundo os preceitos sagrados da Umbanda e pelas fases preparatórias como cruzamento no Terreiro, cruzamento na Mata, mais ele não disse, mas eu incluiria Mar e Cachoeira, entre outros ritos preparatórios, para só aí sete anos depois, pode tornar-se Cacique do Centro de Caridade Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira-Mar, na rua Martins de Lima, Morro da Cruz, zona leste de Porto Alegre.

Conforme disse Leciano, sete entidades o escolheram para trabalhar, sendo que o primeiro a chegar foi o Xangô do Fogo, as demais entidades o saúdam, os tamboreiros puxam pontos que a homenageiam e o Cambono Wagner, ajoelhado ao lado de uma placa de madeira em forma de meia lua no assoalho defronte ao Congá³³ alcança uma pomba³⁴ para que risque seu ponto, que copiado no caderno arquivo do Cambono passa a ser seu “selo oficial”. Salienta o que o Xangô do Fogo foi a Entidade que o desenvolveu para tornar-se Médiun, para começar a receber as energias. Nos anos seguintes já Cacique, ele muito contribuiu, como de fato o faz até hoje na formação dos novos tamboreiros. A entidade mais frequente em suas incorporações, o malandro Zé Pelintra, nunca se furta de dar uma palhinha no tambor

³³ Espécie de altar, piramidal onde estão dispostas as imagens dos orixás cultuados nesta casa, representados por indígenas, sereias e pelo sincretismo com o catolicismo vários santos de seu panteão.

³⁴ Pedra de giz em formato de ovo, pode vir nas cores branca, azul e vermelha, dependendo da entidade.

e de fazer coreografia, saudando o tambor, quando acompanhado do Seu Omulu “de outro médium, cria da casa”, o Ronaldo.

O Centro de Caridade Espiritual Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira-Mar, estabelecido a mais de vinte e cinco anos na rua Martins de Lima, zona Leste de Porto Alegre, liderado por Eclair Silva, mantém além da prática da umbanda com sessões de: Povo das Aguas (Mães), Caboclos, Pretos-Velhos e Povo da Rua (Exus, Pombas-Gira, Malandros e Ciganos), uma convivência familiar seja biológica ou por família extensa. Esta condição permite à Terreira uma boa renovação de sua corrente mediúnica, também de Cambonos e Tamboreiros que se formam desde muito jovens neste ambiente integrado.

Esta afirmação vem ao encontro das palavras da Maria Inês Pacheco, pedagoga responsável pelo curso de tamboreiros, da FAUERS, que nos afirmou ser Xangô o “dono do tambor” ao nos convidar para a Caminhada de Xangô, procissão que percorre as ruas de Canoas desde a Federação até o Parque Municipal Getúlio Vargas (Capão do Corvo), e envolve milhares de pessoas, com acompanhamento da guarda municipal, Brigada Militar e Agentes de Trânsito, ao dizer que era ótimo quando a formatura do curso de tambor se dava nesta ocasião pois Xangô era o “dono do tambor”.

4.3 Bel Agê

Para aumentar o espectro das relações possíveis veremos na entrevista de uma mulher que está inserida neste universo claramente dominado por homens, como tantos outros que levantam barreiras dispare entre gêneros, onde o macho já entra em posição privilegiada, reproduzindo cosmopolíticas seculares. Só que esta mulher alcançou uma top-position em seu métier, que toma uma proporção oceânica em razão da flagrante desvantagem participativa delas, em relação aos homens. Bel Agê³⁵ mostra nas redes sociais os títulos conquistados, e nas respostas a esta pesquisa, a firmeza de seus propósitos e discernimento sobre o status quo, vigente nesta área.

Diz que fica lisonjeada “por representar as poucas mulheres que integram este meio, e confessa que quando começou, não conhecia nenhuma! Já estive em ambos os lados, amigo. O extremamente fundamentalista, e o Show Business com todos os holofotes voltados para o palco, onde tocava a Curimba. O meio em que vivemos, afro religioso, é bem complicado quando é tratado o fundamento, pois em cada casa há o seu próprio. A rivalidade é crescente

³⁵ Vanessa Costa - Conhecida como Bel Agê - Ensino médio completo, formação em Técnica Contábil - 37 anos – componente do grupo dos Alabes das 7 encruzilhadas.

entre as casas e até mesmo entre os próprios tamboreiros, por isso procuram inovar, seja num novo ponto, numa nova coreografia, ou numa batida diferenciada no tambor. Se você não acompanha a tendência, é ultrapassado, na mídia não há espaço para fundamentos. Assim vejo pelas belas festas que toquei, algumas inesquecíveis, mas observo que até mesmo as Entidades vêm acompanhando essa modernização.”

Com muita segurança afirma que, “na questão da energia, tocar dentro do fundamento tem uma energia muito maior, o que chamamos de magia! A magia acontece em cada abraço, em cada cumprimento, em cada Entidade que responde ao som de teu tambor (no caso, de meu agê), em cada palavra, dita na hora certa, vinda daquela entidade que você nunca viu. Toco em inúmeras casas, em algumas delas há anos, e ainda existem lugares onde o Exú ainda bebe no chão e vem sem sapato, são preciosidades para mim, e temo que num futuro essa pureza se perca.”

4.4 Amanda Abreu

Na visita à FAUERS, conversei com uma moça, apresentada por Maria Inês, por ser a tamboreira da Casa Pai Tomé. Ela no início do ano, acompanhava a filha da pedagoga na curimba e acabou, mais tarde precisando assumir sozinha a função, quando a outra se afastou, por motivos pessoais. Amanda mostrou, nas respostas dadas, muita firmeza e conhecimentos sobre o significado de ser tamboreira e conduzir o ritual com tamanha responsabilidade.

Fala Amanda: “ Como é que é ser tamboreira? Ser tamboreira para mim tem que ter muita responsabilidade, porque a gente fica num lugar ali onde a gente... **(interrompo e peço que ela se descreva, qual é a tua idade?)** Eu tenho 18 anos, comecei a tocar, eu tinha 12 e vou te contar minha história: Meus pais eram da terreira e eu ficava na assistência, eu sempre gostei muito do tambor, mas gostava mais do Agê, achava muito interessante, eu tinha mania de ficar batendo nas pedras do Agê, então eu gostava de cantar junto e ficava batendo. ”

Quanto a participação ativa, ainda na outra casa frequentada por ela, disse que: “ tinha um senhor que ficava me cuidando (observando) e disse para mim, porque quando tu entrar, tu não te dedicas ao tambor? Porque eu tinha promessa de quando eu terminasse a crisma, se eu fizesse todos os sacramentos da católica, só aí eu poderia decidir se eu ia entrar na Umbanda ou não. Então essa era a minha regra. Minha Mãe e meu Pai, disseram que eu só teria certeza para escolher se fizesse todos os sacramentos da católica. Aí eu, ok, fiz ali, só por fazer, porque não era o que eu queria, eu queria mesmo era ir para a terreira, que eu gostava daquilo, e daí aquele senhor disse para mim, porque quando tu entrar para a terreira tu não

entra para tocar o tambor, eu disse não, eu não sei. E aquilo passou, aí no outro ano eu entrei, terminei a crisma em julho, em agosto eu entrei. Era o meu sonho, e aí o Supremo que era o Pai da outra Casa que eu frequentava me pegou pelo braço e disse, tu vais ficar aqui e me colocou no coral. Agora tu tens teu instrumento e está na casa. ”

Continua dizendo que: “depois, aqui no Pai Tomé ele me deixou no tambor e eu tocava com o pessoal, daí acabaram por sair algumas pessoas e eu fiquei tocando com esta menina que também era tamboreira e ajudando ela, no começo do ano ela também saiu e me passou esta responsabilidade e desde então eu estou conduzindo a Casa e eu sinto que cada vez mais aprendendo, pois é aí que tu vês que não sabe nada, tens que estar sempre aprendendo, sempre escutando, e tem que ter responsabilidade.”

Sobre as sensações, ao tocar tambor no ritual, disse “tu tens que te sentir bem, tu não podes abrir o tambor e colocar tuas expressões ali, tu tens que colocar o teu amor, o teu carinho, se tu não estiver se sentindo bem, colocar tua emoção ali, colocar para melhorar, não colocar uma emoção triste, tu tens que pensar que é para melhorar, porque o tambor é um instrumento que descarrega, tu podes colocar para fora as coisas ali, mas tens que ter muito cuidado com o quê tu vais colocar ali! Porque é o que dá energia para a Casa é o que conduz, então se eu estiver ruim, se eu não estiver me sentindo bem e colocar uma energia ruim ali, eu vou acabar desestabilizando todo mundo, então eu tenho que ter muita responsabilidade e pensar muito bem no que é que eu estou fazendo ali, qual é o sentimento que eu estou colocando ali, então eu sinto que para estar de tamboreiro em uma casa, tem que ter muita responsabilidade, tem que pensar muito bem no que está fazendo ali, no que tu quer passar para as outras pessoas. ”

Perguntei quanto a transmissão de energias, se era possível diferenciar o som mecânico, o ponto gravado, do toque do tambor, para o médium? Amanda inicia sua resposta referindo-se a ausência do tambor: “ não é um ser humano ali, que troca a sua energia. Não tem aquele som (do tambor) aquela vibração, literalmente, não tem aquela vibração que o tambor causa. O som eletrônico a gente deixa ele as vezes aqui, mas só para som ambiente, nada substitui um tambor... **(na incorporação dos médiuns?)** Nada substitui um tambor para fazer equilibrar estas energias, para transmitir energias... **(a incorporação pode se dar sem tambores?)** Pode com certeza, mas o tambor serve assim para equilibrar, para trazer firmeza para a casa. Ele une a corrente, tanto que quando a gente está tocando e todo mundo está vibrando no mesmo patamar, aquilo é maravilhoso para o tamboreiro, porque está todo o mundo vibrando, batendo palmas, unidos que é como se todos estivessem, assim na mesma linha. Por isso as vezes que estou com o pessoal e começo a tocar, olho para eles e

digo vamos, todos juntos porque tu te sentes mais leve com esta magia, porque está todo mundo junto ali. Então este é o papel do tambor, unir todos na mesma vibração, para a gente conseguir chamar os guias, que sem ele não é possível. ”

Esta parte dos fundamentos, do tambor para Umbanda e outras linhas, as vestes?

– “ Usa-se a roupinha branca, como todos os outros médiuns, porque não deixamos de ser também médiuns, só que eu faço meu trabalho de uma maneira diferente. Eu conduzo o tambor, mas não deixo de ser igual aos outros médiuns, igual ao Cambono, só que uns incorporam. ”

Vibração tu sentes igual? – “Exato, só sinto uma vibração diferente, a minha é do tambor, ao mesmo tempo que o Cambono sente a vibração dele, a entidade, o médium de incorporação sente a vibração da entidade. Mas todos desta linha para poder conduzir o trabalho da melhor maneira possível e me ajudar. Todo mundo tem o nosso mesmo objetivo, ou seja, ajudar as pessoas. Todo o médium tem a sua forma de desenvolvimento, até com as suas próprias entidades, e o desenvolvimento do tamboreiro é sentir essa vibração para fazer o chamado, é bem legal de ver que as vezes chega uma pessoa de fora, em uma entidade e já está sabendo o que fazer, (**percepção?**) sim sente vibração, e as vezes a gente vê aquela pessoa e vê que ela está sentindo uma vibração e que não está se sentindo bem. E daí tu tens que colocar no teu tambor, uma coisa que consiga equilibrar aquela pessoa, trazer de volta para ajudar as entidades que também vão trabalhar naquela pessoa ou por vezes é só saudar uma entidade que chegou no terreiro para trabalhar, tu tens que saber saudar e cumprimentar aquela entidade como se fosse uma aqui da casa. Tudo é uma questão dali, da hora de tocar, da vibração que tu vais passar, são várias coisas. ”

O tamboreiro percebe qual é a entidade que se manifesta, ou espera pelo chefe do terreiro? – “Depende algumas entidades tem características muito específicas, daí a gente consegue identificar, mas as vezes a gente precisa realmente do auxílio da Pai Tomé para nos dar este Norte. Muitas vezes a gente sabe, mas espera o Pai para a gente ter certeza assim, para conseguir conciliar. Sim tem algumas entidades que chegam de uma maneira muito, muito específica e aí não tem erro. ”

Aquele apreço especial por seu tambor: – “Tem que ter um carinho muito grande com o tambor, o meu tambor é o meu filho, ele foi de presente, então faço tudo para cuidar do meu tambor. A gente tem que esticar o couro, de tanto em tanto tempo, e tem que cuidar para que ele não fique muito fininho, parecendo uma latinha e também tem o som, para que não fique aquela coisa sem som, sem definição, xoxo, literalmente. Então tem que esticar ele, então no curso a gente aprende como fazer os nós, a gente tem que lacear para esticar, colocar ele no

sol, as vezes a gente faz uma misturinha de mel e açúcar e passa no couro, que aí ajuda a esticar o couro, mas este que entrou agora não precisa muito porque ele está bem esticadinho, quando é assim se tu botas ele estica demais. ”

Questão física, ou simbólica? – “Sim, o mel e açúcar é questão física mesmo, para conseguir lacear melhor, mas normalmente quando tu entras num terreiro o Pai da casa passa a pomba (pedra de giz) no teu tambor, aí é uma questão simbólica, ele te dá aquele axé, (*Inês – Eu já prestei atenção que o amaci dela, tamboreira, é diferente dos médiuns*) sim, na cabeça e ele também nos lava as mãos. Normalmente quando as entidades chegam, elas saúdam todas as pessoas e quando elas passam por mim elas saúdam as minhas mãos, porque não deixa de ser um instrumento, as minhas mãos, por onde eu transmito energias, todos nós transmitimos energias pelas mãos, mas eu transmito também pelo meu instrumento, para ampliar esta energia. ”

No candomblé, quando o tamboreiro vai fazer sua obrigação receber sangue na cabeça, o seu tambor também recebe. – “Na umbanda seria a pomba e o amaci (*Inês – o tamboreiro da Quimbanda, não pode usar o mesmo tambor para exu, tambor que toca para Nação, não toca para Quimbanda*) Tem isso, também e tem uns outros fundamentos bem interessantes, como não botar tambor no chão, o tambor em pé é uma outra forma, quando o chefe da casa diz que tem que deixar o tambor em pé, quando tem que afrouxar o tambor lá no cemitério, para o toque. Então todos estes fundamentos para nós são de aprendizado, porque eles são para a Nação, mas também na umbanda muita gente utiliza. Eu não costumo deixar o meu tambor no chão, porque ele é energia e se deixar ele no chão, fica em contato com tudo, com todos. Só deixo ele no chão se for na terra, daí deixo ele no chão. ”

Tu emprestas o teu tambor para outro tocar? “Posso emprestar, mas daí... (*Inês – ela tem que autorizar*) eu tenho que autorizar, e preciso confiar nela, porque ele é o meu instrumento, então eu não vou estar colocando ele nas mãos de qualquer pessoa. Eu tenho que ter a certeza que ela (esta outra pessoa) vai estar colocando nele coisas boas, o mesmo sentimento que eu coloco. ”

Como o depoimento de Amanda foi tão rico em detalhes, e a estava conhecendo naquele momento, pedi para que falasse um pouco mais sobre si mesma: “Estudo enfermagem, estou no quarto semestre de enfermagem, até por isso o pouco tempo. **(e quanto a religião católica, ainda frequenta?)** Não eu acabei, eu frequentava mais quando a minha vó me pedia para ir junto com ela, e não tinha problema nenhum, é um agrado. Eu acredito que todas levam a Deus eu só escolhi uma forma diferente de me reportar a ele, de me conectar a ele. E eu ia com ela, mas como ela faleceu agora no início do ano, eu fiquei aqui.

Porque eu me sinto bem aqui, não me sinto tão bem na católica como me sinto aqui. É tudo relacionado com as energias, todas levam a Deus, mas de maneiras diferentes, nós somos todos diferentes, porque todos seguirem a mesma coisa. Não tem porque, não faz sentido. ”

4.5 Everton Alfonsin

O Presidente da FAUERS, nos explica que “nem tudo, que aí está é toque ao sagrado, hoje as pessoas estão fazendo shows e, para ele, antigamente o tamboreiro identificava qual o orixá ou caboclo ou exu, que chegava no terreiro e fazia as suas rezas de acordo com aquele santo. Hoje não, quando eles começaram a botar microfones e caixa de som, perdeu o sentido disso. O sentido é o quê, tocar para o sagrado, só que não, hoje eles estão tocando para multidões e não é, o sagrado não se evoca em multidões. E aí perdeu aquela essência, que é, hoje tu chegas em várias terreiras por aí, e aí tu chegas hoje, as pessoas contratam um grupo, que vem meninas, meninos, eles são uma orquestra e eles querem microfones, querem luz em cima deles e perdeu todo o sentido.”

“Como é comercialmente, eles estão usando a religião para se auto valorizar, e antigamente o axé era simplesmente o axé do tambor. Hoje não existe mais o axé do tambor, tanto que são poucas as pessoas que fazem sua obrigação de santo com o seu tambor do lado. As pessoas compram um tambor novo e trocam, todos os dias. Então hoje quem toca mais rápido, e quem grita mais é o que tem maior valor para a religião, mas na verdade não é isso, o toque é para o sagrado, é na ponta dos dedos, a energia vital do orixá. E não acontece hoje, para mim compreender desta forma, fico muito entristecido, porque minha casa já tem uns quantos anos, eu já estou trinta e dois anos na religião, então eu... eu sou daquele tipo que cultuo a religião de uma forma simples, o menos tem que ser mais.”

– “E isso não acontece mais, o exemplo é assim, quando tu chamavas um tamboreiro para tocar uma quinzena, ou para tocar uma mesa de Benji, vinha um tamboreiro simples, com sua calcinha branca, agora não, eles vêm de boné, eles vêm bêbados, eles fumam com o tambor na mão, eles vêm com camiseta de física, eles vêm com isso ou aquilo, perdeu o sentido, perdeu... Aí daí a pouco eles param uma reza, ou um ponto porque eles trocam, não é aquilo que eles estão tocando, eles fazem o que querem.”

-“Mas nisso o errado, cem por cento, é o dono da casa, porque se o dono da casa não impor o ritmo da casa dele, vira uma bagunça. Vira uma zona. Hoje simplesmente se faz uma festa, uma festa de Umbanda, e a minha casa não é parâmetro porque aqui eu boto quinhentas

peessoas aqui no pátio (coberto) se faz uma festa de Umbanda vem trinta ou quarenta pessoas, se faz uma festa de exus, vem duas mil.”

“ Ontem (23/8) teve uma festa no Sitio do Beto para duas mil pessoas, e eram sessenta tamboreiros tocando, todos juntos. Lindo, até a página dezessete do livro de religião, porque hoje o que está todo mundo criticando é justamente isto, o ponto é deles, não é dos orixás, o ponto é dos “Guardiões da Kalunga”, que são um grupo musical, mas tinha duas mil pessoas lá. Isto é religião? Mas tinha duas mil pessoas lá. Tinha muito champanhe, tinha muita bebida, tinha muita, tudo, não serei eu a criticar ninguém, mas não é isto que é religião para nós. Então, isso que é o fundamento? Queres saber de uma coisa, isto é muito mais uma apresentação do que qualquer outra coisa, uma alegoria... e aí os tamboreiros estão assim hoje, então qual é?”

“Nós estamos na décima segunda turma de tambor, aqui eles aprendem exatamente o que é um tambor. Hoje eles tocam do jeito que eles aprenderam, de uma forma oca, não são toques diferentes para caboclos, orixás diferentes, eu costumo dizer que o tamboreiro a primeira coisa que ele tem que aprender é “o fedorento é tu”. (E tamborilando na mesa, repetia, o fedorento é tu, o fedorento é tu.) Se tu não aprender por didática assim, tu não vais aprender. – Uma coisa que eu me preocupo muito, é assim ó, somos a única federação do País que ministra um curso de tamboreiro, inclusive para cegos, esta é uma apostila em braile, do curso de tambor, e aí tem um CD também que a associação dos deficientes físicos transformou o curso em áudio.”

“Isto aqui, a importância do toque para o sagrado. Foi o primeiro seminário que eu fiz ano retrasado, com os tamboreiros, porque aqui é assim, hoje tu queres contratar um tamboreiro, tu liga para a FAUERS, eu vou te indicar um tamboreiro, não vou ganhar nada, absolutamente nada, mas eu vou te indicar o fulano, ele vai levar um envelope fechado que vai entregar para o pai de santo ou a mãe de santo ou dirigente, o preço que vai acertar, é problema dele. No final tem dez perguntas, o tamboreiro estava de acordo, ele estava uniformizado, ele respeitou sua casa, ele condiz com os toques. O pai de santo responde e lacra novamente este envelope, ele só vai ser indicado de novo quando me entregar este envelope lacrado. E aí eu fico sabendo como é que foi, ele não fica sabendo a avaliação antes. Isto é para mim, para saber se ele está desempenhando satisfatoriamente o que aprendeu. Porque eles não compram só um curso, eles compram o nome de uma Federação.”

4.6 Professor Jorge Grinã

Os ensinamentos do professor, levam à parte do entendimento sobre o que é “ser um tamboreiro,” com detalhes da formação (tanto aprendizado, como ritos iniciáticos), comportamento e participação em cada linha que trabalha: – “ O curso foi mudado, pois reduzimos a carga horária de quarenta e quatro aulas, para vinte e cinco aulas, aumentando de duas para três horas cada aula. O curso é voltado para umbanda, porque sua duração, fosse para nação teria que ser de dois anos. ”

- “A umbanda tem um toque mais lento, mas ele tem que ter uma técnica que não pode errar um segundo que for no atraso da batida, atravessa o canto, então não vai fechar com a resposta que vem de lá para cá. Quando fica muito lento, daí mistura. Na nação dificulta mais por ser uma língua estrangeira por ser a língua Fon que vem do Iorubá. Então no momento que tu erras o toque tem que parar e recomeçar do início aquele axé que errou. A matriz africana tem disso, o tamboreiro tem que estar muito firme, consciente e concentrado. ”

“A umbanda dá um certo relaxamento para o tamboreiro, Ele vai cantar, vai esperar que os caboclos cantem, vai esperar que o coral ajude a cantar. Então ele relaxa um pouco mais e vai pegando esse aprendizado, para depois trazer para dentro da matriz africana. Com cinco toques tu conduz na umbanda e para manter uma matriz africana, de ponta do começo ao fim, um batuque completo, são trinta e três axés (toques) e esses toques tem uma sequência que não pode ser pulada, então quer dizer que para levar e não errar porque se tu erra e tem que recomeçar as pessoas notam e provavelmente esse tamboreiro, vai sofrer um desprestígio e não vai mais ser contratado para o toque novamente, porque o culto é rígido ele tem esse rito e não admite mudar. Tamboreiro que erra para se recuperar terá que tocar um batuque em outra ocasião sem nenhum erro, para só aí ser novamente requisitado para tocar. ”

“O tamboreiro é o responsável pela festa. Começou a festa ele é quem conduz, tem ali o pai de santo que só vai se manifestar e corrigir se ele cometer um erro, se ele não errar, é ele quem comanda a festa, ele que comanda a hora das saídas dos ecos, ele vai fazer um sinal e o pai de santo vai apresentar. Ele vai dizer o momento, em qual reza para o pai de santo vai fazer a entrega ou a apresentação. Por isso que o aprendizado é longo. Então, cada orixá que tem o seu axé, ele tem “lá dentro” também aquele axé de apresentação, tem o axé de presentes deles, então tudo corresponde.”

“Eu sempre digo que tem que ter esse cuidado. Uma coisa que o pessoal gosta muito de tocar hoje, é o alambá para exu, e não tem como proibir, quem sou eu para chegar lá e dizer, olha, não toca porque o alambá tem um significado, na matriz africana, porque para

Iansã e Xangô, raios, trovões e vento, eles se ajoelham, para Iansã e Xangô, eles devem se ajoelhar, e hoje tu vêes esse toque e o exu dançando, quando nesse momento eles tinham que se ajoelhar. Então hoje já não acontece isso, então não tem como mudar, mas dá para orientar que a coisa está se modernizando, cuidem para não modernizar demais. A religião precisa de ajustes, mas não tanto. ”

“Quanto às obrigações que o alabê precisa ter, diz que, em primeiro lugar ele precisa ser iniciado na matriz africana, ele faz suas obrigações, vai para o chão, faz seu “borido”, até assentar o seu orixá de cabeça, de ori. Aí no momento que ele assenta esse orixá, ele se torna um tamboreiro pronto para tocar um aprontamento, tanto naquela casa onde se aprontou como em outras.”

“Então acontece que hoje em dia as coisas estão muito apuradas, tem tamboreiro que nem se sabe de onde ele veio, como ele foi feito, se tem apronte, se tirou obrigação ou não. Hoje em dia estão contratando os caras só por dizerem que o são. Antigamente para se contratar um tamboreiro, tinha que ir atrás da história desse tamboreiro. O que ele traz de “bagagem” para tocar na minha casa, do fundamento dele, a raiz, quem ele é. Hoje não, hoje tu vêes vários tamboreiros aí que se tu pergunta, e eu já perguntei para vários, e alguns nem de raiz africana eram. Diziam não ter casa, que aprenderam e já foram exercer a “profissão”. Bom, penso eu, minha parte eu estou fazendo ao perguntar de onde veio, pois deve haver dialogo entre tamboreiros, essa comunicação. E ainda que na época da minha feitura, precisava existir uma história, sendo que precisava trazer o teu fundamento, tua bacia teus orixás, se aprontar. ”

“Com quinze anos de idade em me tornei tamboreiro profissional, meu orixá já ganhou “quatro pés”, já estava pronto. Eu já podia tocar. Tenho minha casa raiz, esta casa onde estamos, ela veio do pai Manézinho de Xapanã, que fez a mãe Olmira, que fez o Horaci dos Santos Dutra e tantos outros irmãos. Do Horaci, hoje, está nas minhas mãos, veio passando por lideranças transmitidas de pai para filho, para netos, não por serem de sangue, mas por conduzirem a religião conforme preceitos daquela raiz, por circunstancias, a responsabilidade tocou para mim que agora devo preparar um outro filho para me suceder um filho carnal ou “de santo”. ”

“Eu tenho essa raiz e trago essa história toda, o tamboreiro também precisa ter esta história estes fundamentos, afinal de contas ele vai conduzir enquanto o pai de santo atende seus convidados. O pai de santo, não poderá manter-se atento lá dentro, pois terá que atender seus convidados e orixás. Somente se perceber algo, por exemplo: se o pai de santo da casa é de jeje, ijexá e ele canta um axé de cabinda, irá fazer um sinal para ele, e ele vai trocar o axé,

depois vai lembrar a ele que por também ser tamboreiro, conhece os axés, de oyó, nagô, cabinda, jeje e ijexá e o axé que tu “tirou” eu não gostaria que tu tocasse dentro da minha casa a não ser em caso de um convidado ser de cabinda e estiver se retirando ele tem permissão para tocar aquele axé. Agora o tamboreiro não tem permissão para tirar o axé por si, tem que conduzir conforme o lado do dono da casa. Como já fiz de tocar cabinda em outras casas sem misturar. Só o orixá tem essa permissão, ele é o superior. Então fica sempre a necessidade de receber com respeito os convidados pois é uma troca de axés, uma corrente. Ou corre o risco de não ser convidado para outras casas, um precisa do outro então por isso a manutenção desta cultura. ”

“Quanto ao tambor eu ensino os toques, o preparo (ritos de iniciação), a afinação. São vários tipos de tambores diferentes. O tambor não pode ser muito alto (o som) porque aí tu tens que te esforçar mais. E não vai ter como o som da voz superar o instrumento. Eu ensino a encorar e os tipos que tenho aqui são de metal, carboreto (refere-se à embalagem deste produto), PVC, madeira, eu experimento vários elementos para ver o melhor som.”

“O tambor precisa ter preparo, ele tira obrigação junto com o tamboreiro. Quando se tira obrigação ele deita junto, se torna sagrado. Então ele não pode sair no sol para tocar, por isso tenho vários tambores. Um para cada momento, que não devem ser deixados em pé, a não ser os próprios para isto como o inhã, o tambor em pé significa luto, alguém muito importante daquela casa morreu, ou o babalorixá ou um filho pronto, e daí se faz uma missa, o erisum, que leva o dia inteiro, começando com o café da manhã e terminando em festa religiosa de despedida, na noite. Pela parte da Nação, neste momento não se chora, se alguém o fizer será retirado do local. Devemos estar felizes pois quem se foi já cumpriu suas obrigações e certamente estará em local melhor que o nosso. Se chorar, entrar em desespero aquele espírito não descansa, o toque do tambor é diferente, xoxo, quando é para egun, para orixá se ajusta de novo. Outras trocas, neste momento para eguns se dança descalço, para orixás calçado, inverte o sentido da roda. ”

“Toque de tambor tem suas diferenças, o tamboreiro precisa estar preparado para tocar não só para umbanda, quimbanda, para nação, mas também para egun. Para poder tocar a missa, se souber conduzir então ele é um tamboreiro completo. Só aí então ele se torna completo, conhecedor dos fundamentos. Já vi tirar axé de missa em batuque, como sou conhecedor, sei que ou ele não está bem preparado, está aprendendo, misturando, mas não posso corrigir por não ser minha casa. Nossa escola está aí para ajudar a corrigir isso, estamos vendo muito toque de nação dentro da umbanda, toque de nação dentro da quimbanda. A nação é um lado, a umbanda é outro e procuro passar para estes tamboreiros o que é umbanda,

o que é nação. Tem tamboreiro que toca muito bem e já vi, toques de alujá em umbanda, mas quem sou eu para ir dentro de um terreiro corrigir. Cuido na minha casa e quando sou contratado procuro dialogar com o pai de santo, babalorixá ou cacique da umbanda como conduz seu terreiro, para não errar e ser corrigido dentro do toque. Isso é fundamental, se apresentar, com postura, respeito às entidades e a casa. Conforme o culto que se está praticando, perguntar e então conduzir só aí sim pode se dizer que é um tamboreiro confirmado.”

“Microfones e caixas de som ajudam quando o salão é muito grande, porque na voz vai te dar um desgaste muito grande. Porque um batuque completo tem cinco horas e pelo desgaste no outro dia nem terá voz, apetite, porque, como já falei, é uma sequência que não pode ser interrompida muitas vezes se toma um golinho d’água, e em outros momentos específicos onde se pode parar um pouquinho e se aproveita para o assagéu, com os orixás, que é o passe na umbanda. Quando é numa festa também tem o mesmo rigor só duas ou três paradas para seguir o ritual. Quando o salão é muito grande se usa caixa de som, porque quando a voz de quem conduz é muito baixa não vão ouvir e precisa vir a resposta de lá, para poder tirar o axé, se a resposta não vem o tamboreiro terá que responder e ainda não teve o tempo de se recuperar. Tem que estar bem preparado física e psicologicamente. ”

“Se acontece um erro, que não parte do tamboreiro, como quando se está fazendo a balança e rompe o casulo, o casulo estoura e soltam as mãos antes do tempo o tamboreiro tem que tirar uns axés para xangô pedindo misericórdia e o pai de santo vai tomar as providências pela casa, mas nós tamboreiros precisamos estar preparados para isso. Como é outra língua são raros os tamboreiros que sabem traduzir estes axés. O tamboreiro formado se apresenta na chegada, sou fulano de tal, sou jeje/ijexá ou sou cabinda ou sou oyó, qual é o fundamento da casa, como devo conduzir qual é a sequência, de bará a oxalá, tem casa que toca para odé e coloca obá aqui mais para baixo e outras colocam obá junto com xapanã. Então tem essa sequência de trocar o orixá, colocar um antes ou depois, e ele tem que ter esse conhecimento para não ser interrompido depois. Em nosso curso aprende a confecção do agê, a montagem do tambor, peça por peça, nome como está no polígrafo, tem o polígrafo de umbanda e de matriz africana.”

“O dia que eu partir, o tambor será o último pertence a ser despachado ele vai acompanhar toda a despedida. Então tenho tambores que uso para tocar durante o dia que é só lavado em ervas, nele não vai axoro, eu não posso deixar de tocar na procissão da caminhada de xangô por exemplo. Então estes são preparados só com ervas e pode sim usar de dia. e então ele tem o batismo com a pemba, tem batismo com as ervas, como tenho vários tambores

tem batismo com mieró, que são outros tipos de ervas para matriz africana, são massuradas e eu banho ele com elas. Ele tira o descanso dele, deitado nelas com alá por cima ali no quarto de santo para depois tocar. É um batismo. Ao contrário, quando se usa o axoro, que é o sangue, o tambor não vai para o sol, fica só dentro de casa. Se sai na noite para tocar um batuque, ele volta.”

“Se vai tocar para quimbanda, meu tambor de nação, que deita comigo não toca para quimbanda. Não toca para exu, para exu são os outros tambores. Pessoalmente tenho seis tambores, mas ao tamboreiro bastam dois, um que é o particular dele para tocar nação e outro que ele usa em outros lugares como cruzeiros, nas encruzilhadas, na mata, na praia de mar então ele vai levar este tambor onde for. O de nação é para a nação. Tem que estar resguardado ali. Tem casas que são mais liberais, não exigem isto de seu tamboreiro que as vezes aprendeu a tocar com outros e não adquiriu todos os fundamentos dizem tocar direitinho saber a sequência, mas não ser de nação. Quem quer contratar, contrata, mas corre o risco dele não ser formado na matriz africana. Não ter aqueles fundamentos, aqueles princípios.”

“Na minha formação na década de oitenta, já havia mulher tocando nação e apesar de raro, este fato era muito questionado. Mulher pode sim tocar nação exceto em um momento distinto, quando ela está impura, (a questão da menstruação) neste momento ela não pode tocar em parte nenhuma de obrigação, nem nas dela. Caso contrário, ela pode conduzir. Só tem um instrumento que não é permitido para a mulher que é o inhã, um instrumento que vem da África como nossa religião e a mulher não pode tocar. Hoje é raro a casa que tem o inhã. É um instrumento diferenciado, tem uma boca coberta com couro e a de baixo aberta, sua estrutura é de madeira e fica em pé apoiado no tripé de ferro. A inhã, não deve mulher tocar, só homem. Tirando este instrumento os demais elas podem tocar sim. E eu desmistifiquei isto no curso da FAUERS e sofri críticas por incentivar esta situação.”

“Depois tem outros tamboreiros ai, como o Antônio Carlos (de Xangô) o Belerum, já toquei com eles e com Xamim, Valter Calistro, Carlos Borel (Mestre Borel) e eles avalizaram que exceto quanto a inhã outros instrumentos a mulher pode tocar, desde que faça todas as obrigações exigidas de aprontamento.”

“Quanto mais jovem começa, melhor, a capacidade de aprendizado é mais rápida, o reflexo é melhor. O interesse deles em buscar informações e estar sempre focado sem tirar os olhos. Quando se trabalha com adulto, nem sempre ele está focado. Passei pela umbanda e cheguei na nação, onde aos quinze anos de idade toquei meu primeiro batuque sozinho em Encruzilhada do Sul. Toquei sozinho uma festa de aprontamento, de bará a oxalá, toquei o

serão, e no sábado, cansado da noite anterior, toquei novamente. Naquele tempo se cortava na sexta e apresentava no sábado, hoje corta no sábado e apresenta no sábado seguinte. Dali para a frente não parei mais. ”

“Hoje virou um comércio em volta da religião, tu precisas desta parte material, para tocar tua religião e está tudo muito caro. O tamboreiro hoje está em torno de oitocentos reais, para tocar uma noite; se tocar quatro noites, não dá. Por isso faz apenas o essencial porque depois, é apenas a apresentação do axé que ele está recebendo, a ciência do fundamento foi feito na noite anterior. Apresentar para a sociedade aquele irmão que agora está aprontado para conduzir uma festa, por isso hoje o pessoal faz em uma noite só.”

“A Maria Eduarda (ver adiante, cap. 5.3), fez o aprontamento dela agora em outubro e está para fazer o curso de matriz africana aqui, aos quinze anos ela estará pronta como alabê. Agora quanto a ialorixá, cabe ao babalorixá dela o aprontamento. Acham muito nova, mas ela está na fase de aprendizado, afinal de contas é essa a nossa religião. Então desde criança ela já deve ser preparada para nossa religião. ”

“Temos o sincretismo com a católica, foi o que salvou (permitiu) nossos ancestrais e propiciou hoje, esta liberdade de cultivar as religiões de matriz africana, e em respeito a isto, sempre que aprontamos um filho, levamos até uma igreja. O jovem precisa aprender e saber hoje o que estamos fazendo e o que passamos para isso acontecer.”

“Na umbanda já vi e fui a casas onde era tocado o som mecânico porque a casa não tinha tamboreiro, não tinha o conhecimento de onde buscar, onde contratar. A umbanda nasceu sem o tambor, eles foram introduzidos depois, vieram com a matriz africana, com a relação com o candomblé. Eles olharam o tambor e o adotaram para a umbanda. Porque a umbanda nasceu em uma mesa espírita, veio usando a palma da mão, o coral cantava e batia palmas, fazia seu som de maneira diferente. Daí assimilaram o tambor, toques diferentes da nação e dali em diante afirmou e este uso vem perdurando. Mas são toques diferentes, assim como o candomblé tem toques diferentes da nação e da umbanda. Cada religião tem o seu ritmo. São toques diferentes, ritmos diferentes, as notas são diferentes. Então tem que se trabalhar isso e respeitar as diferenças existentes.”

“Como as ondas emitidas pelo som dos tambores são diferenciadas entre estas, por isso eu trabalho no sentido de que não basta cantar por cantar, tem o ritmo e a nota certa, para isso toda a música tem uma nota, todo o toque tem a sua, e passo para meus alunos que eles tem que se aperfeiçoar não apenas no toque mas também no timbre de voz, tem que trabalhar a voz para não “fechar” uma nota com a outra porque a resposta de lá para cá pode vir

diferente, eles podem entender de outra forma ao mandar a resposta. Não pode quebrar a harmonia, nem perder o ritmo, tem que estar sempre praticando. ”

5 PERSPECTIVA

Um passeio pelo mundo afro-religioso, nos possibilita vislumbrar os detalhes que envolvem a agência dos instrumentos de percussão, os sentidos por eles afetados e a energia deles propulsadas. Não importa se quem os manipula, seja homem, mulher ou até crianças, a vibração acontece, quando estes colocam nos sopapos que dão no couro esticado, a sua crença e a compartilha com próximos e distantes. Assistência, médiuns e entidades entram em sintonia de alguma forma e com intensidade variável, de acordo com o que poderia se chamar uma “voltagem” particular. O “passeio” se estendeu por planos perceptíveis ou não, afetivos, físicos e sincréticos, quando apenas tamborilamos, ao ler como o Padre Manoel Bina prega o uso do tambor na liturgia católica, para incluir e organizar.

5.1 A FUMAÇA DO CACHIMBO DO VOVÔ

Nossos cinco sentidos³⁶ são acionados por agentes externos e envolvem mais especificamente um dos nossos órgãos receptores, seja a visão, audição, o tato, olfato e o paladar, nos capacitam a interagir com o que nos chega do mundo exterior. Somos portadores ainda de um sexto sentido³⁷, que inversamente recebe “de dentro para fora” e é sensorial como os demais, mas é psíquico também, sua ação é mental e intuitiva. Alguns o controlam com certa destreza, tem plena percepção da intersecção entre o físico e o mental, outros o fazem mesmo sem saber como, apenas deixam-se levar.

Assim são as sensações mediúnicas, de forma consciente ou semiconsciente³⁸, indivíduos se utilizam do seu poder de concentração (variando o grau e a intensidade), passando a vibrar e, em transe, servir de receptor das energias ali presentes, vindas de planos

³⁶ SANTOS Vanessa. Artigo. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/oscincosentidos/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

³⁷ Segundo o artigo “SEXTO SENTIDO – Mente e Intelecto.” - Percepção extra-sensorial (PES), clarividência, premonição, intuição são sinônimos de sexto sentido ou habilidade de percepção sutil. Disponível em: <<https://www.spiritualresearchfoundation.org/portuguese/percep%C3%A7%C3%A3o-extra-sensorial-sexto-sentido>>. 10 nov. 2018.

³⁸ Conforme a resposta da entidade Zé Pelintra, da linha dos Malandros, tomando como “cavalo” o médium Leciano, “não existe médium inconsciente, no dia que encontrar um eu não virei mais a terra...” (entrevista de 2014 – guardo áudio e transcrição da mesma).

espirituais próximos de nós. A catalise provocada pelo tamboreiro com toques e cantos, reverberados pela corrente de médiuns formada e pela assistência que também tem muita importância neste processo, pois são as suas necessidades que “trazem” as entidades, numa troca simbólica e dadivosa. Elas servem e são servidas, recebendo conforme seus atos, luz, para calcar umbrais mais altos na sua constante evolução.

Pela maneira que se dá esta interação, vocês nunca verão uma entidade “bater cabeça” defronte a um aparelho de som, por mais forte e grave que seja sua emissão. Mesmo que exista incorporação ouvindo apenas o som de um aparelho eletrônico, como testemunhei na entrevista feita com a entidade Zé Pelintra do Morro da Cruz, quando o médium se utilizou dos pontos gravados no computador para sua concentração, e abertura, para a manifestação do representante da linha dos Malandros. Sem a troca de energias que o toque do tambor propicia, provavelmente naquele momento o “ímã” que o trazia fosse eu mesmo, ali ao lado irradiando meus fluidos corporais, assim como o faz uma fêmea animal quando no cio.

Outra evidência viu-se quando da “Caminhada de Xangô”, da FAUERS onde os tamboreiros que haviam concluído o curso ali se formavam e se posicionaram ao lado esquerdo do congá, sendo o som que produziam captado, junto aos cânticos dos que se revezavam, pelos microfones que os enviavam para um reboque adaptado com várias caixas de som com potência de muitos decibéis. Este reboque se posicionou no lado direito do palco e o som emitido era audível por toda a imensa “corrente” de milhares de pessoas dispostas em círculo naquele parque.

Em todas as partes desta imensa “corrente” médiuns incorporavam seguindo a ordem “de chamada” dos tambores, e com suas danças características se dirigiam à frente do Congá, deitando e batendo suas cabeças aos pés das imagens ali dispostas. Destacava-se entre elas a que simboliza Xangô da umbanda, uma figura sincretizada do catolicismo, São Jeronimo (para uns pode ser São Miguel (Xangô mais jovem) que também era ali representado, entre outros diferentes santos, pelo país) sentado em uma pedra com um livro aberto e o leão deitado a seu lado.

O som dos tambores são os propulsores da possessão nas afro-religiões, embora como já vimos não sejam os únicos. Porém para que atinjam a plenitude de sua função catalisadora neste fenômeno, devem ser tocados como se enviassem uma mensagem, literalmente falassem aos ouvidos dos partícipes, gerando uma sintonia “fina” entre emissor e receptor. Sem esta sintonia provocada pelo toque a posse pode não se efetivar por completo, fazendo o emissário vibrar descompassadamente ou até mesmo simplesmente ignorar este fraco chamado, por mais concentrado que esteja.

Eu mesmo, que não tenho a menor habilidade com instrumentos musicais, percussivos ou outros, uma vez me encorajei a manusear um agê “provocante” que estava no banco ao meu lado, numa sessão marcada pela escassa presença de médiuns e curimbeiros. O resultado foi desastroso, e o “olhar” da entidade (Ogum Beira Mar se não me falha a memória), foi fulminante levando-me a de pronto abandonar, para nunca mais, a *ex-quase-futura*, função de percussionista.

5.2 EXUMARÉ, MARÉ, MARÉ

Na tese de Ângelo Cardoso³⁹ em sua página cinco e seis, ele diz “*que uma das dificuldades enfrentadas pelo pesquisador está a questão de gênero, aponta haver **no candomblé** uma separação muito clara de funções entre o universo masculino e feminino. Aos homens é dada a função de tocar e cuidar dos instrumentos. Destarte o universo da música instrumental nagô é masculino. Afirma em uma nota de rodapé que em sua pesquisa de campo ouviu falar de uma ou outra mulher que eventualmente tinha acesso aos instrumentos musicais da religião ioruba. Diz, todavia tal ocorrência mostra-se extremamente rara*”.

Apesar de não duvidar desta informação, que Leonardo Almeida⁴⁰ também avalizou, dizendo não ter encontrado ainda nenhuma mulher entre seus “nativos”, na minha pesquisa elas são a ampla maioria, resta saber se isto se dá apenas nas linhas (batuque, umbanda e quimbanda/RS) que este texto abrange, ou se a mulher conquistou mesmo mais este direito de fato. Além das que aqui aparecem, é preciso mencionar outras que vi, mas não cheguei a ouvir como, a colega da Bel Agê, no grupo dos Alabês das Sete Encruzilhadas e as quatro formadas no Curso de Tamboreiros (as) da FAUERS.

Uma delas a Maria Eduarda com apenas nove anos de idade, segundo seus genitores, com quem falei e o Pai de Santo da Cidade de Nova Santa Rita, iria se “aprontar” para a religião no dia doze de outubro. Esta criança, após os conhecimentos absorvidos no curso e completando seu ritual de iniciação, corro o risco de dizer (embora sem dados para confirmar a veracidade) deve ser a mais precoce, alabê “confirmada” que se possa encontrar. O curso

³⁹ A LINGUAGEM DOS TAMBORES – Tese de Doutorado, submetida ao programa de Pós-graduação em Música/Etnomusicologia da Universidade Federal da Bahia. Ângelo Nonato Natale Cardoso sob orientação da Professora Angela Elizabeth Hühning. Salvador, 2006.

⁴⁰ Em roda de conversa que fez conosco, no grupo de elaboração dos TCCs, que a Professora Lorena, gentilmente lidera.

como já vimos teve carga horária de 75 horas e a guria⁴¹ obteve a nota nove e meio, o que certamente a coloca entre os maiores aproveitamentos da turma.

5.3 ENQUANTO A CHIBATA BATIA... MÃE PRETA EMBALAVA

Entre os formandos da décima segunda turma, estavam quatro meninas e uma delas chamava mais atenção por ser muito jovem, em conversa com os pais dela, pude fotografar seu certificado de conclusão do curso de Tamboreiros da FAUERS e a mãe dela me disse que a Maria Eduarda tem apenas nove anos e já frequenta uma casa de Nação, em Nova Santa Rita cidade que fica às margens da “Estrada da Produção”, distante cerca de vinte quilômetros de Porto Alegre, e o Pai de Santo desta casa acompanhava sua futura tamboreira e filha de religião.

A mãe dela confirmou sua intenção de tornar-se Tamboreira, e ainda que no próximo dia doze de outubro ela iria se aprontar naquela casa de religião. O Pai de Santo, Gilberto de Souza, falou que a Maria Eduarda que está se formando hoje, é uma menina que frequenta sua casa Reino do Pai Oxalá e Ogum Beira-Mar, desde criança (como se não mais o fosse), junto a seus pais e que futuramente assumirá a posição de tamboreira. Que sua casa tem Batuque, e que é de Umbanda, Quimbanda e Nação.

Perguntado se quando fazem festas eles contratam tamboreiros, disse que geralmente precisavam contratar tamboreiros porque todo ano é tocado o Batuque nas festas de Ogum e dos Exus, então todo o ano eles contratam fora porque não tem ainda, “*e agora tem esta menina que se formou para nós*”. Indaguei sobre a interação dos tamboreiros que vem de fora com a casa e seu líder, se eles respeitam os fundamentos da casa. “Sim respondeu, toda a casa tem sua regra e eles tem que saber jeje, ijexá, cabinda e (ainda mais) todo o tamboreiro é obrigado a saber qual é o lado da casa, se não dá errado, não dá nada certo, tem um lado e é obrigado a seguir aquele lado.”

Quanto a utilização de aparelho de som mecânico, na falta de tamboreiros, disse que hoje em dia se usa, mas quando ele se iniciou, há vinte e sete anos atrás, se não tinha tambor se usavam as palmas para incentivar a incorporação, pois o sistema de som não foi adaptado ainda.

⁴¹ Termo usado pelo gaúcho para designar criança do sexo feminino, o oposto de guri.

5.4 RODEIA, RODEIA, RODEIA MEU SANTO ANTÔNIO RODEIA

Bira Reis ao afirmar para o Padre Manoel⁴² que *“percussão se toca com a mente e não com o corpo. O corpo não pode ser jogado no tambor como terapia, com força como que descarregando energia. É necessário dominar as sensações da mesma forma que dominamos nossos instintos. É como se estivéssemos num profundo diálogo com o tambor. Se batermos de qualquer jeito realmente vamos produzir um barulho irritante que em música chamamos “ruído”, isto é, uma batida forte e sem ritmo”*, mostrou-nos o quanto as respostas dos nossos entrevistados estão em harmonia, não somente entre si, mas também com a de estudiosos como estes dois. Destacamos o respeito que todos demonstraram aos seus instrumentos, e a responsabilidade oriunda de seu posicionamento na curimba.

São sentimentos como estes que tornam o tambor, e o tamboreiro, importante nos cultos das afro-religiões e a partir da tese do Padre, podemos até dizer que, isto se estende ao catolicismo também, onde os Agentes da Pastoral Negros recomendam seu uso para uma liturgia mais inculturada⁴³ e apropriada aos costumes dos afro-brasileiros.

Pois como de fato o tambor fala, quem o toca ali está como um tradutor de LIBRAS está para quem só “vê” um discurso ou mesmo para os que não dominam este linguajar sonoro. Esta “tradução” precisa ser feita de tal maneira que não mascare o conteúdo do discurso, com expressões faciais e corporais fora do contexto. Uso esta figura pois os intérpretes de LIBRAS tiveram um enorme destaque, no último pleito nacional (2018), ao saírem do “seu quadrado” no canto do televisor e se postar frondosamente ao lado do candidato que discursava. Seria como o tamboreiro, sair do púlpito normalmente a ele destinado e ir tocar em meio a corrente formada, ombreando com o pai ou mãe de santo, por isto não precisa chegar a tanto.

⁴²Ubirajara de Andrade Reis, arqueólogo musical, citado na tese do Padre Manoel Gonzaga Bina, **“A Contribuição do atabaque para uma liturgia mais Inculturada em meios Afro-brasileiros”** - Dissertação para obtenção do título de mestre em Teologia à Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob a orientação do Pe. Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa. São Paulo 2006. P.36

⁴³ Aquisição gradual dos preceitos, dos hábitos, das normas e das características de uma cultura ou de um grupo por outra (cultura ou pessoa). Na religião: Adaptação da liturgia cristã para ser divulgada ou entendida por não cristãos. Fonte: www.dicio.com.br/inculturacao/ acessado em 15/11/2018.

5.5 TODO EXU QUE RI ELE RI MAS FALA SÉRIO

Assim escrito, até pode parecer exagerado, mas se frequentarem uma gira onde tenham contratado um grupo musical, composto por homens e mulheres, para o toque, fatalmente perceberão a perda de valor simbólico das entidades que rodam ali. Elas passam a agir como se assistentes fossem e chegam a “tietar” os tamboreiros, pedindo que toquem seus “pontos de trabalho”. Como um produtor musical falou a, Leonardo Almeida, “o exu gosta de aparecer” e me atrevo a dizer que “naquele” momento quem está aparecendo mesmo são os tambores e os que literalmente os espancam. Para disputar esta ribalta, exus e pombas giras, costumam ficar em frente aos percussionistas puxando pontos com suas vozes guturais, grande parte das vezes abafados, por microfones e caixas de som de grande potência.

É bem verdade que acompanhamos alguns “Zé Pelintras” que tem muita habilidade com o tambor ou agê, e ao cantar mostram muito boa afinação e conhecimento das letras dos pontos. Um destes é Leciano, um dos informantes deste trabalho, que nos contou (mais que isso, nós estávamos presente quando) haver começado como tamboreiro, aos onze anos e que desde muito cedo sentia as vibrações de uma mediunidade latente.

Esta “explodiu” por inteiro, quase sete anos depois, quando o mesmo passou da adolescência, por ser uma das exigências doutrinárias da Casa que ele frequenta, só ingressar na corrente com uma maioridade.

5.6 NAS ONDAS GRANDES DO MAR EU VOU

Se estivesse me graduando em física, estaria aqui apregoando que o som é uma onda mecânica (tipo de onda que precisa de um meio de propagação), tridimensional (propaga-se em todas as direções) e longitudinal (o tipo de vibração que gera é paralela à sua propagação).

Além destas informações técnicas, o site Brasil Escola⁴⁴ ainda nos mostra que a intensidade é uma importante propriedade do som, no sentido que, “qualquer movimento ondulatório transporta energia, portanto, se uma onda sonora atravessar uma determinada área em certo intervalo de tempo, a energia carregada por ela também atingirá essa área. A energia transportada pelo som é que faz o corpo tremer, por exemplo, diante do som produzido em um show musical.

⁴⁴ Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/ondas-sonoras.htm>>. Acesso em: 15 nov.2018.

Assim sendo, a intensidade sonora é a determinação dessa quantidade de energia que atravessa uma área em determinado intervalo de tempo.”

Algumas pesquisas em teoria musical nativa, assumem fundamental relevância não apenas para este texto, como é o caso da “*Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora*” de Tiago de Oliveira Pinto (Diretor do Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha) já referenciado acima (ver nota 5) mas para a Antropologia (etno-musicologia brasileira⁴⁵) de uma forma geral, e servem de suporte científico para reconstrução da história das culturas africanas no Brasil e das religiões afro-focadas, em especial, por serem de nosso interesse objetivo, neste momento.

Trabalhos acadêmicos costumam obedecer a critérios de objetividade que os engessam e evitam maior amplitude ao objetivo em pauta. Não conseguimos, pelo exposto, evitar estas digressões, pois ao longo do trabalho de campo novos questionamentos foram aparecendo, todos, mesmo os que não constavam nas indagações iniciais como precocidade e gênero, muito pertinentes e por importantes não nos furtamos, a pelo menos tangenciá-los para quem sabe, num futuro retomá-los, ou o que também a nós daria enorme satisfação, colegas mais jovens o façam.

Citando Ari Oro⁴⁶, “por se tratar de um texto que pretendeu ser, até certo ponto, um voo panorâmico sobre partes indissociáveis das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul, foi, necessariamente, superficial em alguns aspectos; porém, essa deficiência pode ser em parte sanada com as indicações bibliográficas referenciadas, para os interessados.”

⁴⁵ Tiago Pinto ao citar Rafael José de Menezes Bastos “A musicológica kamayurá” (1978) diz que o mesmo inaugura a mais recente fase da etno-musicologia no Brasil além de ser “*significativo que este novo impulso para a disciplina parta da antropologia, encerrando também no Brasil sua condição restrita de subárea da musicologia. Ironicamente esta mudança de paradigma se dá transformando música (“musicologia”) em uma noção antropológica (“musico-lógica”)*”. p. 244.

⁴⁶ ORO, Ari Pedro; Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente - Este texto foi originalmente apresentado na 53ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Salvador, Bahia, de 14 a 17 de julho de 2001, no Simpósio: Afro-Diversidade no Brasil, coordenado por Reginaldo Prandi (USP). Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, p. 345-384.

6 CONCLUSÃO

Ao implementarmos verdadeira busca maiêutica, logramos verificar pela fala nada concisa de nossos entrevistados, pela observação de parte das suas vivências diárias, consuetudinárias e empíricas, haver alcançado satisfatoriamente nossos objetivos iniciais. No período transcorrido entre o início das saídas de campo e a audição do último informante, novas formas de mediação, bem como de agências, foram percebidas.

Conseguimos, apesar do risco implícito da perda do foco, trazê-las para somarem em nosso nascituro arcabouço de produção do conhecimento, que mesmo não tendo atingido ainda grande amplitude, mostrou-se capaz, para o resultado pretendido no escopo deste texto.

Algumas questões vieram a se aclarar, no sentido positivo, de confirmação, outras pela refutação de nossas expectativas prévias. Nossa demanda varou a encruzilhada gerada entre, tambores e cantos, que fazem parte indissociável das manifestações religiosas de matriz africana, promovendo um exercício mistagógico e uma interação entre a assistência, seja ela ativa, como, entidades médiuns e ogãs, ou passiva como visitantes e participes eventuais, e os responsáveis pela percussão, conhecidos por Curimbeiros.

Depreende-se da fala da quase totalidade dos nossos entrevistados que alguns tamboreiros, com liberdade e independência, por vezes e cada vez mais, parecem ignorar tradições seculares e religiosas privilegiando seus ganhos monetários, tornando-se profissionais “esquecendo” suas obrigações rituais. Pudemos constatar ainda forte movimentação reversa (entre nossos “nativos”), uma reação, no sentido de retomada das raízes (fundamentos), pela busca de adequada preparação, seja pelo pertencimento a uma casa matricial (ou organizados em Federação), seja pela inscrição em cursos preparatórios, seja pela adequação aos ritos iniciáticos arraigados.

Nossas premissas que apontavam um universo exclusivamente masculino, foram de pronto refutadas, pela imponente presença feminina, tanto entre as entrevistadas, como no percentual de participantes no curso de tamboreiros da FAUERS (22%) e na fala do Professor Grinã que afirmou que, “eu desmistifiquei isto no curso da FAUERS e sofri críticas por incentivar esta situação. Depois também, outros tamboreiros, como o Antônio Carlos (de Xangô) o Belerum, Xamim, Valter Calistro, Carlos Borel (Mestre Borel) também avalizaram que, exceto quanto a inhã, outros instrumentos as mulheres podem tocar, desde que, não estejam “impuras” e quando exigidas, façam todas as obrigações de aprontamento. ”

Sobre a energia dispendida e dispersada do uso de tambores, som mecânico ou palmas, viu-se nas respostas de nossos informantes um alinhamento em favor do feito presencial, quanto às vibrações que o tamboreiro emite e também recebe, promovendo uma troca que sem estes elementos seria inócua. Isso somado ao toque e a interação com as entidades respondendo no momento certo, ou até providenciando necessárias correções de ritmo.

Assim, para Amanda, o tambor “une a corrente, tanto que quando a gente está tocando e todo mundo está vibrando no mesmo patamar, aquilo é maravilhoso para o tamboreiro, porque está todo o mundo vibrando, batendo palmas, unidos que é como se todos estivessem, assim na mesma linha”, o que, segundo Bel Agê, “chamamos de magia!”

Mas com sabedoria, lembrou Jorge Grinã que, a umbanda nasceu sem o tambor, eles foram introduzidos depois, vieram com a matriz africana, como aquisição do candomblé, adotados pela umbanda. Mas cada religião tem o seu ritmo. A influência da forma de preparo de quem conduz o tambor, aparece em parte das respostas como nesta, também de Jorge: “o tamboreiro precisa estar preparado para tocar, não só para umbanda, quimbanda, para nação, mas também para egun, para poder tocar a “missa” (cerimônia fúnebre), se souber conduzir então ele é um tamboreiro completo, conhecedor dos fundamentos. Ao ver como conduz, já sei se ele está bem preparado, está aprendendo, ou misturando.”

Tambores de agora, são outros! O terreno afro-religioso é movediço e constantemente se adequa às transformações decretadas por conta do transcurso dos tempos. Assim foi, e certamente, continuará sendo, pois, a resistência é necessária, por conta de “ataques” externos, como também os que “de dentro” acontecem. O aprendizado é obtido com naturalidade na participação em terreiros, para muitos se dá desde a infância, levados pelos adultos, na vivência lúdica participante, colaborando nos afazeres triviais, até o momento de assumir efetivamente as fases inclusivas da confirmação afro-religiosa.

Os tempos, as religiões e suas exegeses são mutáveis e os tamboreiros, com seu livre arbítrio, fizeram isso de formas diversificadas, relativizando com a finalidade almejada. Muitos optaram pela manutenção do simbolismo através da aquisição dos fundamentos, da afro-religiosidade “in natura”. Outros buscam o aprendizado, através de cursos como o que encontramos na Federação, dados por Ogãs confirmados e profundamente conhecedores destes mesmos fundamentos. Ou ainda, aqueles que, como por osmose os adquirem de maneira autônoma, autodidata, e tendem a ficar na incompletude, não assumindo a religião por completo. Modos diferentes de se apresentar, práticas desiguais, arranjos particulares mas todos em busca da mesma essência, da mesma significância interativa na transmissão energética através do toque de seus instrumentos, tambores e agês.

A umbanda, quimbanda e o batuque, acostumaram a se locupletar destas agências que trazem para seus ritos, um público, adulto e infantil, renovando continuamente suas hostes, e tendo minimizados seus riscos de “perda da essência”, conforme se depreende do “lugar de fala” de nossos entrevistados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. “**Fonografia religiosa afro-gaúcha: o ritual e o gravado no contesto de novas artisticidades**”. p. 201. Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 33, p. 197-234, jan./jul. 2018.
- ALMEIDA, Leonardo Oliveira de; “**Eu Sou O Ogã Confirmado Dessa Casa**”: Dilemas da profissionalização e consagração religiosa de ogãs em terreiros de umbanda em Fortaleza. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN Disponível em:
<www.29rba.abant.org.br/.../1/1402020769_ARQUIVO_TrabalhocompletoRBA.pdf>
Acesso em: 13 out. 2018.
- BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 8, ibid.. p. 169, ibid.. p.210.
- BINA, Padre Gabriel Gonzaga; **A contribuição do atabaque para uma liturgia mais inculturada em meios afro-brasileiros**: Dissertação apresentada na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, orientador Pe. Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa. (SP-2006).
- BOKAR, Salif Tierno; **Cf. 1957 BÂ Hampaté, A.; CARDAIRE, M.** - Falecido em 1940, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali). Grande mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos.
- CERTEAU, Michel de; “**A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**”. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Citado por GOUVÊA e ICHIKAWA em “**Alienação e Resistência: um Estudo Sobre o Cotidiano Cooperativo em uma Feira de Pequenos Produtores do Oeste do Paraná**” p.69.
- COSTA, Juliana Ripke da. **Canto de Xangô**: Uma tópica afro-brasileira - ORFEU, v.1, n.1, jun de 2016 p. 44 – 73 Disponível em:
<http://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/download/7068/6845> Acesso em: 12 out. 2018.
- DE OLIVEIRA, Pérsio Santos; **Introdução à Sociologia**, São Paulo, Ática, 2000, p. 13. (citando Durkheim.) “ Os fatos sociais podem ser estudados objetivamente, como “coisas”. Da mesma maneira que a Biologia e a Física estudam os fatos da natureza, a Sociologia pode fazer o mesmo com os fatos sociais. ” Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/o-surgimento-da-sociologia-fatos/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- FARIA, Arthur de. **RS: um século de música**. Porto Alegre: CEEE, 2001. V. 1- 358 p.
- FREIRE, Priscila Gambary. **Dança brasileira e dança negra para piano solo de Camargo Guarnieri**: Uma abordagem interpretativa. 2007. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, SP. Citada em “ **Canto de xangô: Uma tópica afro-brasileira.** ”
- GOUVÊA, Josiane Barbosa; ICHKAWA, Elisa Yoshie; “**Alienação e Resistência: um Estudo Sobre o Cotidiano Cooperativo em uma Feira de Pequenos Produtores do Oeste do**

Paraná” - Gestão & Conexões = Management and Connections Journal, Vitória (ES), v. 4, n. 1, p. 68-90, jan./jun. 2015. p.69.

KI-ZERBO Joseph. História Geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África**. Editado. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Sobre Raízes e Redes: Territorialidades, Memórias e Identidades Entre Populações Negras em Cidades Contemporâneas no Sul do Brasil – UFRGS – 2013** Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/78159>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MAURICIO, George. **O candomblé bem explicado** (Nações Bantu, Iorubá, Fon)/Odékileuy e Vera de Oxaguiã; (org. Marcelo Barros), Rio de Janeiro: Pallas 2011 p. 32.

MENEZES BASTOS, R. J. de; **A musicológica Kamayurá**. Para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu, Brasília, Funai. (1978).

ORO, Ari Pedro. **“O neopentecostalismo macumbeiro”** Revista USP, São Paulo. nº 68 p. 319 - 332 dezembro/fevereiro 2005/2006.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. **O comércio e o consumo de artigos religiosos no espaço público de Porto Alegre – RS**. In: BIRMAN, Patricia (Org.): Religião e espaço público. São Paulo: Attar: CNPq/Pronex, 2003.j

PARADISO & Gonzalez. **“ O ‘tambor’ como símbolo metonímico da identidade afro-brasileira, na poesia de Oliveira Silveira ”** - Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.19, n.2, p. 327-346, jul./dez. 2014 - ISSN 1516-2664, p. 335.

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora** - Diretor do Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha, ICBRA. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2001, V. 44 nº 1.

SEEGER Anthony, citando Jean-Jacques Rousseau. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008, p.244.

STEIL, C. A.; **“Pluralismo, Modernidade e Tradição Transformações do Campo Religioso”** In: Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, año 3, n. 3, oct/2001, pp. 115-129.

SERRARIA, Richard; LOBATO, Decleoma; PINTO, Celeste; DORING, Katharina; - **“Tambores e Batuques: circuito 2013-2014.** ” – Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2013. 88 p.: il.; 28,5 cm. – (Sonora Brasil). ISBN 978-85-82540-03-9

TADVALD, Marcelo; **“Notas Históricas e Antropológicas Sobre o Batuque no Rio Grande do Sul”**. In: RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 05 – n. 01 – 2016 p. 46 – 59

WEISS, Raquel; **“Durkheim e as Formas Elementares da Vida Religiosa”** - Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 95 - 119, jul./dez. 2012

ANEXO A – FOTOS



Figura 1 Congá do CCE Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira Mar



Figura 2 Casa Pai Tomé - curso de tambor



Figura 3 O Ensaio Na Aula De Tambor



Figura 4 UM TAMBOR SE AFINA DESTA FORMA



Figura 5 BEL AGÊ (A DIREITA NA FOTO) E OS ALABÊS 7 ENCRUZILHADAS



FIGURA 6 UM EBÓ PARA EXU



Figura 7 ZÉ PELINTRA DO MORRO DA CRUZ



Figura 8 TAATA LUANGOMINA PORTO SEGURO - BAHIA



Figura 9 PROFESSOR JORGE GRINÃ ENSINANDO O BÁSICO



Figura 10 AUXILIANDO O ALUNO DEFICIENTE VISUAL



Figura 11 EM SUA CASA, NO BAIRRO GUAJUVIRAS - CANOAS JORGE GRINÃ MOSTRA SEUS TAMBORES



Figura 12 MARIA MOLAMBO, SENHOR OMULU E ZÉ PELINTRA – ENTIDADES TIETAM ALABÊS 7 ENCRUZILHADAS



Figura 13 CAMINHADA DE XANGÔ – FORMATURA CURSO FAUERS 28/09/2018 - PARQUE MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS - CANOAS - RS



Figura 14 MULHERES OCUPANDO ESPAÇOS MASCULINO



Figura 15 DESDE CRIANÇAS ELAS APRENDEM



Figura 16 Corrente Formada Parque Municipal de Canoas com mais de duas mil pessoas Formatura 12ª Turma tambor FAUERS



Figura 17 *Camiseta dos Alabês*



Figura 18 *O Senhor Omulu agitando a Curimba no CCE Mãe Iemanjá e Pai Ogum Beira Mar*



Figura 19 *Renovação Geracional (mostrando a 2ª geração)*



Figura 20 *Crianças participando ativamente*